

---

# PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

---

## SOBRE ALGUMAS ARANHAS QUE OCORREM NO BRASIL, COM DESCRIÇÃO DE UM ALÓTIPO (*ARACHNIDA- ARANEAE*)

POR

HÉLIO F. DE ALMEIDA CAMARGO

### INTRODUÇÃO

Na presente contribuição, estudamos vinte espécies de aranhas, todas ocorrentes no Brasil, exceção feita a *Tetragnatha vicina* Simon, 1897; a maioria delas foi apanhada no Estado de São Paulo, por Helga Urban e Frederico Lane. Nosso propósito foi o de fornecer ao estudioso elementos que, possibilitando melhor conhecimento morfológico de certas espécies, tornassem as identificações posteriores mais seguras e mais rápidas. Como se verá, três das espécies de aranhas consideradas, ou sejam, *Tetragnatha vicina* Simon, 1897, *Corinna egregia* Simon, 1896, e *Corinna penicillata* Mello-Leitão, 1939, não se acham representadas na coleção de aracnídeos do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo. Aqui figuram, todavia, dos tipos de duas delas (*T. vicina* e *C. egregia*), desenhos da quelícera e palpo do macho, respectivamente, figurando essas ainda não publicadas. No que diz respeito a *C. penicillata*, o exame do tipo nos possibilitou traçar alguns reparos sobre a estrutura do palpo. Descrevemos o alótipo macho de *Trachelas rugosus* Keyserling, 1891; noticiamos *Eustala guttata* F.O.P. Cambridge, 1904 e *Micrathena quadriserrata* F.O.P. Cambridge, 1904; pela primeira vez, do Brasil, e estabelecemos as sinonimias de *Tetragnatha soaresi* Camargo, 1948 (= *T. longidens* Mello-Leitão, 1945) e *Loxosceles surata* Simon, 1907 (= *L. similis* Moenkhaus, 1898).

Para todas as espécies, damos, tanto quanto possível, a distribuição geográfica conhecida até o presente. Relativamente à bibliografia alinhada logo abaixo do nome de cada espécie, abstivemo-nos de citar a anterior a 1911, visto estar ela contida no Catálogo de Petrunkevitch (1911). Contudo, quando necessário, a comentamos no texto. Nos desenhos dos bulbos genitais de *Acacesia folifera* (Marx, 1889) e *Eustala guttata* F.O.P. Cambridge, 1904, representamos, separadamente, determinado trajeto do receptaculum seminis, desde o início do reservatório até o ducto ejaculador. Esse trajeto poderá ser bem acompanhado, atentando-se à ordem dos algarismos romanos postos no final da explicação das figuras respectivas. A nomenclatura usada das diferentes peças do palpo do macho, é a de J. H. Comstock (1910). As abreviações empregadas nas figuras que ilustram este, indicam:

Alvéolo — Al	Fundus — F
Apófise mediana — Am	Hematódoca basal — h
Apófise terminal — At	Hematódoca distal — H
Bulbo genital — B	Paracymbium — P
Condutor — Cd	Radix — R
Cymbium — C	Reservatório — Re
Ducto ejaculador — D	Subtegulum — S
Êmbolo — E	Tegulum — T
Estipe — Es	

Apresentamos os nossos melhores agradecimentos, pelo auxílio que nos prestaram durante a elaboração deste, a: Padre Francisco S. Pereira C.M.F. e Werner C. A. Bokermann (ambos deste Departamento de Zoologia); Frederico Lane (Museu Paulista), Helga Urban, Otto Schubart (Estação Biológica de Piscicultura de Emas), Wolfgang Bücherl (Instituto Butantan), Benedicto A. M. Soares (Escola Nacional de Agronomia), J.L. Araujo Feio e Victor Frederico (Museu Nacional), Lauro Travassos (Instituto Osvaldo Cruz), Padre Jesus Moure C.M.F. (Museu Paranaense), Raul Ringuelet (Museo de la Plata), W. J. Gertsch (American Museum of Natural History), Max Vachon (Muséum d'Histoire Naturelle) e E. Browning (British Museum).

Distribuídas pelas famílias, são estas as espécies estudadas:

Araneae Dipneumonomorphae	Trionychoae	Sicariidae	{ <i>Loxosceles similis</i> Moenkhaus, 1898
		Theridiidae	{ <i>Trithena tricuspidata</i> (Blackwall, 1863)
			{ <i>Thwaitesia affinis</i> O. P. Cambridge, 1882
	Argiopidae	{ <i>Acacesia folifera</i> (Marx, 1889)	
		{ <i>Eustala guttata</i> F.O.P. Cambridge, 1904	
		{ <i>Tetragnatha longidens</i> Mello-Leitão, 1945	
{ <i>Tetragnatha vicina</i> Simon, 1897			
{ <i>Micrathena quadriserrata</i> F.O.P. Cambridge, 1904			
	{ <i>Micrathena sordida</i> Taczanowski, 1872		
Dionychoae	Selenopidae	{ <i>Selenops cocheleti</i> Simon, 1880	
	Clubionidae	{ <i>Corinna bicincta</i> Simon, 1896	
		{ <i>Corinna egregia</i> Simon, 1896	
		{ <i>Corinna penicillata</i> Mello-Leitão, 1939	
		{ <i>Trachelas robustus</i> Keyserling, 1891	
		{ <i>Trachelas rugosus</i> Keyserling, 1891	
		{ <i>Trachelas 4-punctatus</i> Mello-Leitão, 1922	
{ <i>Castaneira obscura</i> Keyserling, 1891			
{ <i>Myrmecium gounellei</i> Simon, 1896			
	{ <i>Myrmecium rufum</i> Latreille, 1824		
	Salticidae	{ <i>Chira bicirculigera</i> Soares & Camargo, 1948	

### *Loxosceles similis* W. J. Moenkhaus, 1898

*Loxosceles similis* Moenkhaus, 1898:79, est. V, fig. 7; *L. surata* Simon, 1907:247, fig. 1 D; *L. surata* Petrunkevitch, 1911:118; *L. surata* Mello-Leitão, 1918 a:127 e 129; *L. serrata* (error!) R. V. Chamberlin, 1920:40 (= *L. surata* Simon); *L. surata* Mello-Leitão, 1934:71, 73, figs. 1a, 2a e 3a; *L. surata* Mello-Leitão, 1944 a:2.

Esta espécie foi colocada, interrogativamente, na sinonímia de *Loxosceles laeta* (Nicolet, 1849), primeiro por Simon (1907:247), depois por Petrunkevitch (1911:118). Mello-Leitão (1918a: 127) e C. Fr. Roewer (1942:320) consideraram, sem hesitação, *L. similis* Moenkhaus, sinónimo de *L. laeta* (Nicolet, 1849). A diferença na proporção dos vários artículos do palpo, bem como a forma diversa do êmbolo, nitidamente visíveis nas figuras dos palpos de *L. laeta* e *L. similis*, permite, desde logo, que se considere essas duas espécies como distintas e não como sinónimas. A descrição de *L. laeta* apresentada por Mello-Leitão (1918a: 127) deve ser rejeitada, pois esse autor, ao fazê-la, copiou, com pequeníssimas variações — conservando não só a ordem da descrição, mas também os adjetivos — todo o trecho relativo a colorido da descrição original de *L. similis* e, após, acrescentou, numa tradução literal, o que diz Simon (1907:246) na descrição das quelíceras e tibia do palpo de

*L. laeta*. Ora, do exame do tipo de *L. similis*, verificamos que não só o palpo é diferente daquele de *L. laeta*, como já dissemos atrás, mas também as quelíceras de *L. similis* não se apresentam com grânulos grossos, negros, desiguais, na sua porção anterior. Do exame do tipo de *L. similis* Moenkhaus, 1898, depositado nas coleções de aracnídeos deste Departamento de Zoologia, sob número 631, e leitura cuidadosa dos caracteres do palpo de *L. surata* Simon, 1907, concluímos que *L. surata* é um sinónimo de *L. similis*. Otto Schubart colecionou, em 28 de junho de 1946, três machos adultos e um jovem, duas fêmeas adultas e quatro jovens (sexo?) desta espécie, no interior de uma gruta de Altinópolis, localidade próxima de Batataes, norte do Estado de São Paulo. Esses exemplares se acham depositados nas coleções de aracnídeos deste Departamento, sob número E. 955. A distribuição geográfica de *L. similis* até o presente é, portanto, a seguinte: Estado de São Paulo (Iguape: Moenkhaus, 1898 - Altinópolis: Schubart, 1946), Estado de Minas Gerais (Simon, 1907), Estado do Pará (Aurá: Mello-Leitão, 1944a). Um bom apanhado do itinerário da viagem feita pelo naturalista Antenor Leitão de Carvalho aos rios Araguaia e Amazonas, em 1939 e 1940, quando colecionou a espécie de *L. surata* citada por Mello-Leitão, no trabalho acima, encontra-se em Otto Schubart (1947: 1, 2 e 3). Como *L. surata* Simon, os machos figuram; em chave, nos trabalhos de Chamberlin (1920:40) e Mello-Leitão (1918a: 127 e 1934: 73); a fêmea figura, em chave, em Mello-Leitão (1934:71). Breve descrição do macho de *L. surata* (= *L. similis*) se encontra em Mello-Leitão (1918a: 129).

### ***Trithena tricuspidata* (Blackwall, 1863)**

*Plectana tricuspidata* Blackwall, 1863:38; *Trithena tricuspidata* Petrunkevitch, 1911:213; *T. t.* Reimoser, 1939:344; *T. t.* Roewer, 1942:388; *T. t.* Mello-Leitão, 1945:216; *T. t.* Mello-Leitão, 1947:238.

Uma fêmea (E. 526.C. 1421) apanhada por Frederico Lane em Campos da Serra (cabecera do rio M'boy Guaçu, São Paulo), em 3 de abril de 1943. A distribuição geográfica desta espécie é, até o momento, a seguinte: Rio de Janeiro e Serra dos Orgãos (Blackwall, 1862:348); Estado do Rio (Nova Friburgo (Serra dos Orgãos) - Simon, apud Keyserling, 1884:25); Estado do Paraná (Marumbi: Mello-Leitão, 1947), proximidades da cidade de São Paulo (Estado de São Paulo), Guatemala (Montaña de Chilasco) - F.O.P. Cambridge, 1904:540), Costa Rica (Provincia San José: Tablazo) - Reimoser, 1939:344) e Argentina (Misiones: Pindapoy, Puerto Victoria e Iguazú) - Mello-Leitão, 1945.

Além de Blackwall, descrições da fêmea desta espécie se encontram em Simon (1867:23); Keyserling (1884:24) e F.O.P. Cam-

bridge (1904:540). Foi figurada por Simon (1864: fig. 136 e 1893: pl. 7, fig. 2), Keyserling (1884: pl. XI, figs. 146, 146a e b), F.O.P. Cambridge (1904: pl. 51, fig. 26 e 26a) e Warburton (1923: fig. 208), o qual reproduziu a figura da fêmea constante do trabalho de Simon (1893). A figura que Berlese (1925: fig. 106 (A)) nos apresenta como sendo desta espécie, não o é. A espécie figurada pelo entomólogo italiano é *Trithena biocellata* Simon, 1893, provavelmente uma reprodução pouco aumentada, da gravura presente no trabalho de E. Simon (1893:323, pl. 7, fig. 4). O mencionado equívoco de Berlese é repetido por Raffaele Issel, que, no seu artigo (epígrafe "Ragni") (1935: 779, fig. n.º 4) usou da mesma figura n.º 106 (A), ao pé da qual pôs a mesma indicação presente no trabalho de Berlese: "*Trithaena tricuspidata*".

### ***Thwaitesia affinis* O. P. Cambridge, 1882**

*Thwaitesia affinis* O. P. Cambridge, 1882:431, pl. XXXI, fig. 8 A; *T. a.* Petrunkevitch, 1911:212; *T. a.* Petrunkevitch, 1925:68; *T. a.* Banks, 1929:86; *T. a.* Chickering, 1936:452; *T. a.* Roewer, 1942:508.

A descrição original é baseada numa fêmea, colecionada pelo Professor Traill. Ignoramos quem fosse o Prof. Traill, a época e o itinerário da sua viagem, e as localidades do Amazonas onde apanhou os onze exemplares (dez espécies) de aranhas estudados por O. P. Cambridge em 1882. Apenas sabemos, através de informação de E. Browning, que as aranhas coletadas por Traill se acham depositadas no Hope Museum (Oxford, Inglaterra), e que no rótulo de *Sphecozone nigra* (Linyphiidae) se lê "Minas Gerais", procedência diversa daquela constante do trabalho de Cambridge (1882: 428) onde se lê: "Received in Mr. Traill's Amazon collection". Até o presente a espécie era conhecida apenas das localidades seguintes: Brasil (Amazonas: O. P. Cambridge, 1882), Panamá (Bugaba - O. P. Cambridge, 1896:196; Wilcox camp - Petrunkevitch, 1925; Las Sabanas - Banks, 1929; Barro Colorado Island - Chickering, 1936). Possuímos dois exemplares, um macho (E. 953 C. 1431) e uma fêmea (E. 953 C. 1432) adultos, ambos colecionados na Fazenda Poço Grande (Juquiá), em 23 de março de 1951, por Frederico Lane. A sede da Fazenda Poço Grande se acha no quilômetro 489 da estrada de rodagem São Paulo-Juquiá, e a nove quilômetros da cidade de Juquiá (Município do mesmo nome) que está, por sua vez, a 163 quilômetros ao sul da cidade de Santos.

O macho desta espécie foi descrito por O. P. Cambridge (1896: 196), que nessa mesma obra (pl. 25) figurou a fêmea (figs. 2a e 2b) e o macho (figs. 3a a 3d). F.O.P. Cambridge (1902:396, pl. 37) menciona a espécie e figura a fêmea (figs. 19). O epígino da fêmea se acha representado em O. P. Cambridge (1882: fig. 8-A) e F.O.P.

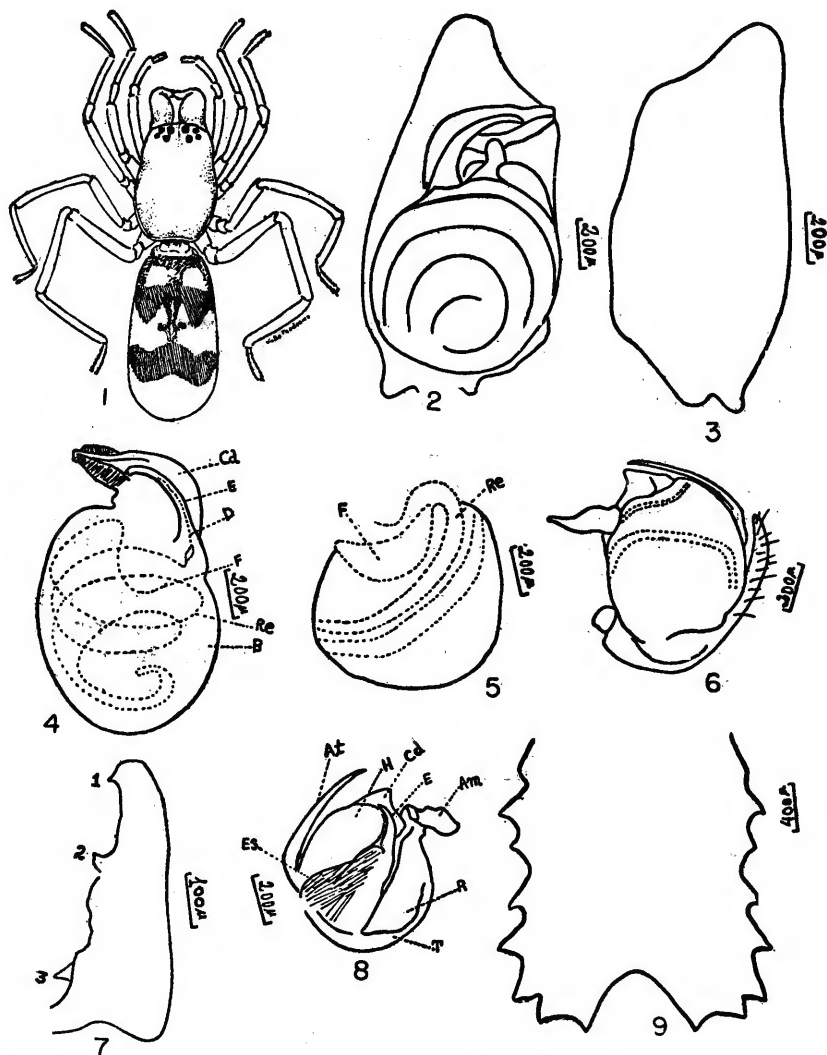
Cambridge (1902: fig. 19a). O palpo do macho é figurado em O. P. Cambridge (1896: pl. 25, figs. 3c e 3d) e F.O.P. Cambridge (1902: pl. 37, fig. 18). Esta última figura, na qual o palpo é visto ventralmente, está bastante fiel.

### ***Acacesia folifera* (Marx, 1889)**

(Figs. 7, 35 a 38, 42 a 44)

*Epeira foliata* Hentz, 1847:475, pl. XXXI, fig. 14 (nec *Epeira foliata* Walck., 1837); *Epeira foliata* Emerton, 1884:318, pl. XXXVII, figs. 6 a 10; *Epeira folifera* Marx, 1889:545 e 593 (nom. nov. pro *Epeira foliata* Hentz, 1847); *Epeira foliata* Mc Cook, 1893:154, pl. IV, figs. 7, 8 e 8 a; *Acacesia foliata* Simon, 1895:788 e 795; *A. f.* Tullgren, 1901:10; *A. f.* F.O.P. Cambridge, 1904:502, pl. 48, figs. 1, 1a, 1b, 1c e 2 de a a e; *A. f.* Petrunkevitch, 1911:274; *A. f.* Petrunkevitch, 1925:68; *A. f.* Mello-Leitão, 1929:110; *A. f.* Banks, 1929:95; *A. f.* Mello-Leitão, 1930:53; *A. f.* Petrunkevitch, 1930:314, 315 e 331, figs. 213 e 214; *A. lanceolata* Badcock, 1932:20, fig. 14, a, b e c; *A. foliata* Mello-Leitão, 1933:33 (= *A. lanceolata* Badcock); *A. f.* Chickering, 1936:452; *A. f.* Reimoser, 1939:350; *A. f.* Mello-Leitão, 1940:239; *A. f.* Comstock, 1940:523, figs. 546 a 548; *A. f.* Mello-Leitão, 1941:252; *Acacesia folifera* (Marx, 1889) Roewer, 1942:763 (= *A. lanceolata* Badcock); *A. foliata* Mello-Leitão, 1942:384; *A. f.* Mello-Leitão, 1943; *A. f.* Mello-Leitão, 1944:314; *A. f.* Mello-Leitão, 1945:217; *A. f.* Mello-Leitão, 1946:37 (= *A. lanceolata* Badcock); *A. f.* Mello-Leitão, 1947 a:11; *A. f.* Mello-Leitão, 1947:238; *A. f.* Caporiacco, 1948:660; *A. f.* Comstock, 1948:523, figs. 546 a 548; *A. f.* Mello-Leitão, 1949:7.

A diagnose original desta espécie foi publicada por Hentz na publicação acima designada, artigo XXXV, sob o título: "Descriptions and figures of the Araneides of the United States". Devemos a E. Browning, a obtenção daquela diagnose, que abaixo transcrevemos: "21. *Epeira foliata* - Plate XXXI - Fig. 14 - *Description*. Pale brown; abdomen ovate terminating in a joint, with waved black lines, two external almost meeting at the apex, two internal meeting before or near the middle. *Observations*. This spider is not unfrequently found on weeds and bushes. When at rest it gathers some leaves together as a tent. It moves with amazing rapidity. It is quite distinct from *E. hebes*. *Habitat*. Alabama. June, July". Apesar de Hentz nada dizer na diagnose original, sobre o sexo do exemplar descrito, o exame da figura do palpo, mostra tratar-se de uma fêmea. Diagnose bem mais pormenorizada do macho e da fêmea de *Acacesia folifera*, encontra-se em Mc Cook (1893) que na mesma página 154 opina contra a modificação nomenclatural introduzida por George Marx em 1889. Ligeira descrição do macho e da fêmea figura em Emerton (1884:318). O palpo do macho desta espécie se acha figurado nos trabalhos de Emerton (1884: pl. XXXVII, figs. 7 e 8),



N.º 1 - *Corinna bicincta*: alótipo fêmea, vista dorsal. N.º 2 - Idem: bulbo genital, vista ventral. N.º 3 - Idem: Cymbium, vista dorsal para evidenciar as duas apófises inferiores. N.º 4 - Idem: Bulbo genital dissecado, trajeto do receptaculum seminis. N.º 5 - Idem: Bulbo genital, fundus e início do reservatório para mostrar o ângulo que formam. N.º 6 - *Eustala guttata*: Palpo, vista dorsal. N.º 7 - *Aqacesia folifera*: Apófise mediana do bulbo genital, vista latero-interna de uma das suas porções, para evidenciar as três apófises, assinaladas por números. N.º 8 - *Eustala guttata*: Bulbo genital dissecado. Apenas parte da apófise mediana é representada. N.º 9 - *Micrathena sordida*: Fêmea jovem. Dorso do abdômen. Deixam de ser representados os dois espinhos anteriores.

Mc Cook (1893: pl. IV, fig. 8a) e F.O.P. Cambridge (1904: pl. 48, fig. 1c), Essas figuras são muito deficientes, deixam muito a desejar, pois, num bulbo genital de estrutura complexa, como é o caso do de *A. folifera*, aqueles autores se preocuparam apenas com evidenciar a forma da apófise mediana, enquanto as demais peças estão, praticamente, indistinguíveis. Mas, a pior figura ainda é a constante do trabalho de Mc Cook, sobre a qual já se pronunciara F. O. P. Cambridge (1904:502): "... the sketch of the palpus of the male leaves much to be desired in point of definition. . .". Mc Cook (1893: 155) nas ligeiras linhas que dedica à descrição do palpo do macho, escreve que o êmbolo é "wide, bifid, or strongly notched at the tip. . .". Temos a impressão que o autor quer se referir, aqui, à apófise mediana. Conforme se vê nas figuras anexas, o paracymbium do palpo de *A. folifera* tem uma pequena apófise negra na porção interna da sua base; a apófise mediana, que, aproximadamente no terço final, se divide em dois ramos de comprimento e espessura mais ou menos equivalentes, tem, na região ventral, próximo à sua articulação com o radix, pequena apófise negra. Além desta, mostra duas outras apófises, também negras, porém menores. A primeira na porção ventral do ápice de um dos ramos, a segunda, mais abaixo, na mesma direção. Recentemente, Archer (1951 e 1951a) numa série de estudos, tem procurado dar bases mais seguras às sub-famílias e alguns gêneros de *Argiopidae*, definindo-os baseado, principalmente, na estrutura do palpo do macho e epígino da fêmea. Considera (1951:4) na família *Argiopidae*, apenas quatro sub-famílias. À página treze da sua contribuição (1951), há ligeira referência à apófise mediana do palpo, tibia II e espinho apical da patêla no gênero *Acacesia*. Espécie de vasta distribuição geográfica, foi encontrada, até o presente, nas seguintes localidades: Estados Unidos (Alabama: Hentz, 1847 - New Haven (Conn.): Emerton, 1884 - Carolina do Norte, Georgia, Washington, Florida, Savannah, New York, Columbus e Texas: Mc Cook, 1893 - Sanford (Orange County): Tullgren, 1901 - Florida (Gainesville): Gertsch col., Mexico (Tepic, Misantla, Atoyac, Teapa), Guatemala (Chicoyito), Costa Rica, Panamá (Bugaba): F.O.P. Cambridge, 1904 - Costa Rica (Prov. Limon: Hamburg Farm): Reimoser, 1939 - Haiti: Petrunkevitch, 1911 - Panamá (Ancon, Bella Vista, Las Sabanas, Mt. Hope): Banks, 1929 - Panamá (Barro Colorado Island): Chickering, 1936 - Porto Rico (Manati, Arecibo, Aibonito, entre Toa Alta e Vega Alta): Petrunkevitch, 1930 - Guiana Inglesa (Demerara e Curupucari): Caporiacco, 1948 - Colombia: Mello-Leitão, 1941 - Uruguai (Montevideo): Mello-Leitão, 1933 - Argentina (Chaco): Mello-Leitão, 1933 - Argentina (Chaco: Resistencia, Tirol, Gancedo - Santiago del Estero: Añatuya): Mello-Leitão, 1942 - Argentina (Provincia de Buenos Aires): Mello-Leitão, 1944 - Argen-

tina (Misiones: Puerto Victoria): Mello-Leitão, 1945 - Paraguai: Mello-Leitão, 1933 - Paraguai (Nanahua): Badcock, 1932 - Paraguai (Nanahua e Alberdi): Mello-Leitão, 1946 - Brasil: Pernambuco (Tapera?): Mello-Leitão, 1929, Pará (Rio Cuminá): Mello-Leitão, 1930, Paraná: Mello-Leitão, 1940 - Paraná (Curitiba, Guaraqueçaba e Florestal): Mello-Leitão, 1947 - Minas Gerais (Carmo do Rio Claro): Mello-Leitão, 1947a - Mato Grosso (confluência dos rios Koluene e Xingú): Mello-Leitão, 1949 - Rio Grande do Sul: Mello-Leitão, 1943 e Estado de São Paulo (Fazenda Poço Grande, Juquiá) de onde possuímos um macho adulto (E. 953 C. 1419) apanhado por Frederico Lane em 23 de março de 1951.

### *Eustala guttata* F. O. P. Cambridge, 1904

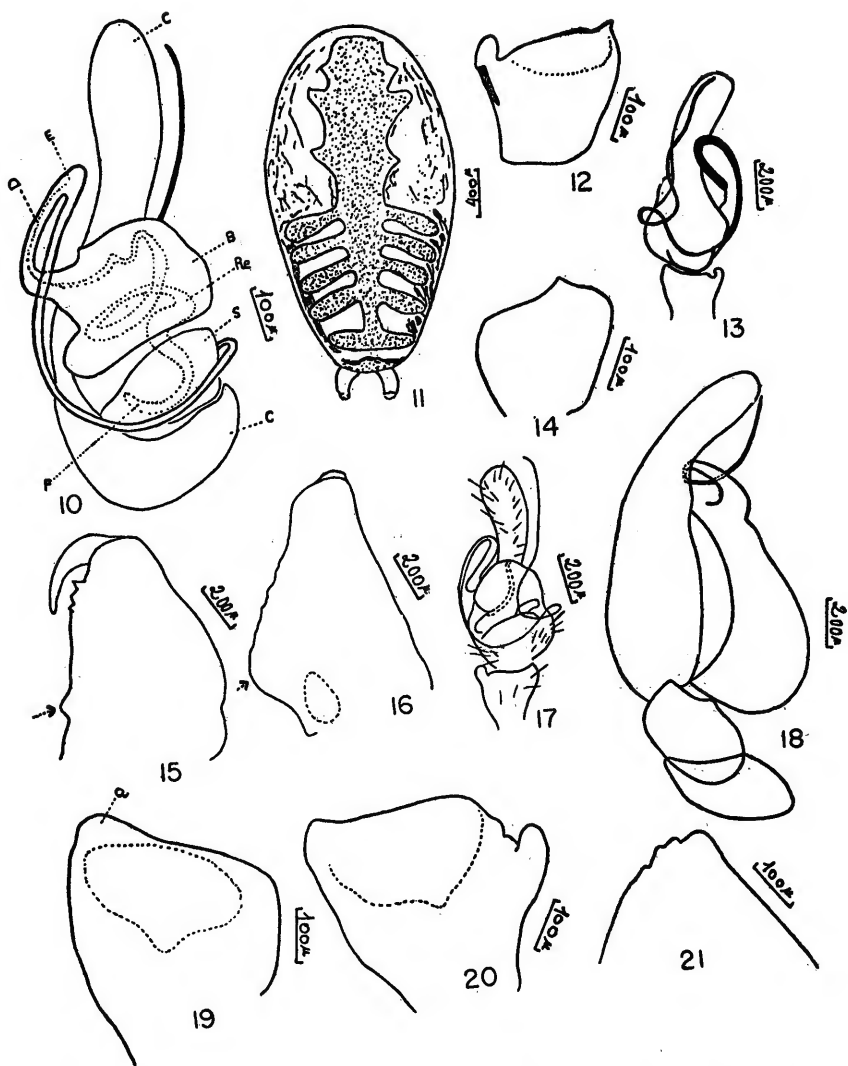
(Figs. 6, 8, 31-34, 48)

*Eustala guttata* F.O.P. Cambridge, 1904:508, pl. 48, figs. 13, 13a-a d, 14 e 14a; *E. g.* Petrunkevitch, 1911:342; *E. g.* Petrunkevitch, 1925:71; *E. g.* Banks, 1929:93; *E. g.* Roewer, 1942:765.

Conhecida do México, Guatemala e Panamá (F.O.P. Cambridge, 1904). Neste último país, além da localidade de Bugaba, citada por F.O.P. Cambridge, a espécie também ocorre em Mt. Hope, onde Banks (1929) apanhou dois exemplares. Agora noticiamos *Eustala guttata* do Brasil, através de um macho adulto (E. 953 C. 1434) que Frederico Lane colecionou em 23 de março de 1951, na Fazenda Poço Grande (Juquiá).

O exame das várias figuras de palpos, com os respectivos nomes das estruturas, constantes do trabalho de F.O.P. Cambridge (1904), nos mostra que, frequentemente, esse autor emprega o mesmo nome para designar peças distintas. É o que sucede, por exemplo, com a peça *uncus*. Na plancha 46, o nome *uncus* é empregado para denominar o ramo curto do cymbium (paracymbium), e na plancha 43, indica o que F.O.P. Cambridge também chama de *clavis* (apófise mediana). Comstock (1910: 172) (\*) apenas registou essa última significação de *uncus*, usada por F.O.P. Cambridge, isto é, *uncus* sinônimo de *clavis* (= apófise mediana). Também, em F.O.P. Cambridge a nomenclatura não é uniforme. Assim, o paracymbium ora é chamado de *uncus*, como já foi visto, ora de "*tarsal hook*" (planchas 48 e 50). O exame de inúmeras figuras do trabalho de F. O. P. Cambridge (1904) mostra que o conceito que ele tinha da peça *êmbolo* era exato. Daí dizermos que Cambridge errou ao designar como *êmbolo*, na plancha 48, o que supomos ser a apófise ter-

(\*) Mencionado trabalho de J. H. Comstock foi reimpresso, com modificações mínimas, consistentes na supressão de algumas citações no texto, no livro daquele autor (1940 e 1948). Não conhecemos a primeira edição, do citado livro, que é de 1912.



N.º 10 - *Trachelas 4-punctatus*: Bulbo genital dissecado. Vista ventral mostrando a disposição das diversas peças, e o trajeto do receptaculum seminis. A maior parte do êmbolo se acha representada. N.º 11 - Idem: Macho, dorso do abdomen. N.º 12 - Idem: Macho, tíbia do palpo, vista ventral. N.º 13 - Idem: Palpo, vista dorsal, para mostrar a forma do cymbium. N.º 14 - Idem: Macho, tíbia do palpo, vista dorsal. N.º 15 - Idem: Macho, quelícera, evidenciando a pequena saliência localizada no limite da superfície ventral com a interna. N.º 16 - Idem: Macho, quelícera, mostrando a zona proeminente na porção súpero-basal interna. N.º 17 - Idem: Palpo, vista ventral. N.º 18 - *Trachelas robustus*: Palpo, vista lateral. N.º 19 - Idem: Macho, tíbia do palpo, vista ventral, para evidenciar a elevação (a). A apófise não está representada. N.º 20 - Idem: Macho, tíbia do palpo, vista ventral. N.º 21 - Idem: Macho, ápice da patela do palpo.

minal. O verdadeiro êmbolo é o que, ali, F.O.P. Cambridge denomina de *uncus*, porque nele é que se abre o ducto ejaculador, como também pela relação que mantem com o condutor e estipe, vindo logo em seguida a este último. Resumindo, temos em F. O. P. Cambridge (1904):

- |               |   |   |
|---------------|---|---|
| <i>uncus</i>  | { | <ul style="list-style-type: none"> <li>1.º — como ramo do cymbium (=uncus, tarsal hook)</li> <li>2.º — como apófise do tegulum (= clavis)</li> <li>3.º — denominação errada dada ao êmbolo, na plancha 48</li> </ul>                        |
| <i>êmbolo</i> | { | <ul style="list-style-type: none"> <li>1.º — na maior parte das figuras, denominação certa, dada à porção intromitente do bulbo</li> <li>2.º — na plancha 48, denominação errada dada à peça que supomos ser a apófise terminal.</li> </ul> |

Mas F.O.P. Cambridge não foi o primeiro a denominar a apófise terminal de êmbolo; segundo se lê em Comstock (1910:164), também Menge (1866:25), que foi o criador do termo êmbolo, no seu verdadeiro sentido morfológico, nomeou a apófise terminal de êmbolo, em várias figuras de *Epeira* constantes do seu livro. O trecho no qual aparece o termo êmbolo, no trabalho de Menge (1866:25) é o seguinte: “Zwei der teile sind die notwendigsten und fehlen auch nicht bei dem einfachsten bau; ich nenne den einen den samenträger, spermophorum, den andern den eindringer, embolus. Ich habe bei Linyphia, Agalena und Lycosa das aufnehmen des samens durch den überträger bei Tetragnatha und Pachygnatha das eindringen des samenträgers und eindringers in die weibliche scheidesehen”. Numa tradução feita por Werner C. A. Bokermann, temos: “Duas dessas partes são as mais necessárias e não faltam nem mesmo na estrutura mais simples; eu chamo a uma de condutor do esperma, espermóforo, a outra de introdutor, embolus. Eu vi em Linyphia, Agalena e Lycosa a recepção do esperma pelo bulbo, em Tetragnatha e Pachygnatha a introdução do condutor do esperma e do introdutor na cavidade da fêmea”. Como já foi escrito por Comstock (1910:169), o conceito que Menge tinha a respeito da função do “spermophorum” (=condutor do êmbolo), era errada. Na explicação das gravuras, no trabalho de Menge, essa peça aparece, mais comumente, com o nome alemão “samenträger”, do mesmo modo que o “embolus” é amiude designado pela palavra “eindringer”. A julgar pelo que diz Menge, em seu trabalho e página citados, e também pela estampa I, quadro I, letra D (*Epeira diademata*) e estampa 8, quadro 9, letra D (*Epeira patagiata*), com a palavra “überträger”, Menge quis se referir ao bulbo genital. Sinão, vejamos o que diz ele no alto da citada pagina 25: “Der überträger besteht meistens aus einem halbrunden, spiralig gewundenen grundteil, pars basalis und einem ähnlich gestalteten endteil, pars terminalis oder extrema, an denen beiden verschiedene, hornige oder häutige platten, blätter,

zähne, haken, nadeln oder spitzen angeheftet sind. Nach dem vordandensein oder fehlen und der form und beschaffenheit dieser teile erscheint daher der überträger bald einfach, bald zusammengesetzt und von manigfacher gestalt". Numa tradução de Bokermann, temos: "O bulbo consta na maioria das vezes de uma porção fundamental semi-circular em forma de rosca espiralada, que é a pars basalis, e de uma parte terminal, pars terminalis ou extrema, de estrutura parecida, ambas as quais são dotadas de . . . . . De acordo com a presença ou ausência, forma e agrupamento dessas partes, parece-se o bulbo por vezes simples, por vezes composto e com inúmeras maneiras de construção". Como já ficou dito, as vezes Menge não distingue, convenientemente, a apófise terminal (retinaculum) do êmbolo. É o que se vê, por exemplo, na plancha 8, quadro 8, letra G (*Epeira cornuta*) onde Menge assinalou com a letra  $\alpha$ , como sendo o "retinaculum" o que, na verdade, consta de êmbolo e apófise terminal. Também Menge confunde, às vezes, a apófise mediana com o que ele chama de retinaculum (= apófise terminal). É o que sucede, ao tratar das espécies *Epeira diademata* (página 43, plancha I, quadro I, letra D) e *Epeira marmorea* (página 52, plancha 4, quadro 4, letra E). Descrevendo o bulbo genital de *E. diademata*, Menge diz: "Das stema oder der überträger hat zur seite des beckenförmigen grundgliedes tab. I D pb. einen gekrümmten haken  $\alpha$  . . . .". Traduzindo, temos: "O stema ou bulbo genital tem ao lado da porção basal em forma de concha tab. I D pb uma apófise curva  $\alpha$  . . . .". A posição da apófise, conforme a descrição acima, e o exame da figura respectiva, mostram tratar-se da apófise mediana. Contudo, na explicação da figura correspondente, Menge escreve: "D. Der überträger . . . . . ein armförmiger haken (retinaculum)". O que ficou dito para *E. diademata*, se aplica a *Epeira marmorea* (página 52, plancha 4, quadro 4, letra E) pois Menge fala de uma apófise de duas pontas que se origina da porção basal (Diese rühren von einen zwei spitzigen haken zur seite des grundgliedes tab. 4 E . . .). Ao explicar a figura correspondente, no entanto, denomina-a de "retinaculum".

### **Tetragnatha longidens Mello-Leitão, 1945**

*Tetragnatha longidens* Mello-Leitão, 1945:244, figs. 22 e 23; *Tetragnatha soaresi* Camargo, 1950:240, est. I, figs. 3 e 4 e est. IV, figs. 6, 7 e 8.

Esta sinonímia foi estabelecida pela comparação que Raul Ringuelet, chefe da seção de invertebrados da Faculdade de Ciências Naturais e Museo de la Plata, realizou, a nosso pedido, dos desenhos das quelíceras de *T. soaresi*, constantes do nosso trabalho acima citado, com o tipo de *T. longidens*, depositado naquele Museu. O tipo, um macho, foi descrito da Argentina, localidade de Pindapoy (Mi-

siones). No Brasil, até o presente, sua ocorrência é conhecida de Campos de Jordão, Estado de São Paulo (Camargo, 1950:243) e da Ilha de São Sebastião, litoral do mesmo estado; onde Helga Urban apanhou um macho adulto, entre os dias 26 e 29 de janeiro de 1951, depositado nas coleções de aracnídeos deste Departamento de Zoologia.

### ***Tetragnatha vicina* Simon, 1897**

(Figs. 52 e 53)

*Tetragnatha vicina* Simon, 1897:869; *T. v.* Banks, 1902:220; *T. v.* Petrunkevitch, 1911:393; *T. v.* Petrunkevitch, 1930:263 e 285; *T. v.* Roewer, 1942:991.

Em 1897, E. Simon descreveu esta espécie, baseado num macho colecionado na Ilha de São Vicente (Antilhas). A descrição original é muito sumária, pois Simon se limitou a comparar *T. vicina* com *Tetragnatha antillana* Simon, 1897, da qual, segundo ele, *T. vicina* muito se aproxima. Posteriormente, N. Banks (1902) se referiu, em duas linhas, a um macho e a uma fêmea de *T. vicina*, apanhados em Porto Rico (San Juan), e atualmente na coleção de aracnídeos do "United State National Museum", conforme se lê na introdução do seu trabalho. A espécie não figura na revisão do gênero *Tetragnatha*, feita por Seely (1928) que, para tanto, utilizou-se, principalmente, de material da Cornell University, New York State Museum e American Museum of Natural History. Petrunkevitch (1930) depois de dizer que ainda não encontrara a espécie em Porto Rico, duvida da certeza da identificação de *T. vicina*, feita por N. Banks em 1902. Satisfazendo nosso pedido, Max Vachon, do Museu de Historia Natural de Paris, desenhou a promargem e a retromargem da quelícera do tipo de *T. vicina*, um macho, depositado nas coleções daquele Museu. Cremos que, assim, ter-se-á uma boa idéia de *T. vicina*; de vez que, até o momento, a espécie, além de mal descrita, ainda não fôra figurada.

### ***Micrathena quadriserrata* F. O. P. Cambridge, 1904**

*Micrathena quadriserrata* F.O.P. Cambridge, 1904:534, plancha 50, figs. 18, 18a e 18b; *M. q.* Petrunkevitch, 1911:376; *M. q.* Reimoser, 1917:79, 94, pl. III, fig. 4; *M. q.* Petrunkevitch, 1925:72; *M. q.* Banks, 1929:93; *M. q.* Mello-Leitão, 1932:81; *M. q.* Reimoser, 1939:361; *M. q.* Roewer, 1942:962.

Uma fêmea (E. 525 C. 1420), colecionada por Frederico Lane em Campos da Serra (cabecera do rio M'boy Guaçu, São Paulo) em 3 de abril de 1943. É esta a primeira vez que a espécie é noticiada do Brasil, pois que era conhecida apenas de: Guatemala (Quezaltepeque: F.O.P. Cambridge, 1904), Costa Rica (Prov. Guana-

caste: Bebedero - Prov. San José: La Caja, Sabana): Reimoser, 1939 - Venezuela: Reimoser, 1917 - Panamá (Trijoles: Petrunkevitch, 1925 - Ft. Sherman: Banks, 1929). A descrição e ilustração da fêmea se encontram em F.O.P. Cambridge (1904) e Reimoser (1917). A maior parte do abdomen do nosso exemplar é branca; estreita faixa lateral e os dois tubérculos posteriores, são amarelo-esverdeados.

### *Micrathena sordida* (Taczanowski, 1872)

(Fig. 9)

*Acrosoma sordida* Taczanowski, 1872:13, pl. IV, fig. 25; *Micrathena sordida* Petrunkevitch, 1911:378; *M. s.* Reimoser, 1917:80, 105, pl. IV, fig. 8; *M. s.* Mello-Leitão, 1932:82; *M. s.* Mello-Leitão, 1933:45; *M. s.* Reimoser, 1939:361; *M. s.* Mello-Leitão, 1940:241; *M. s.* Roewer, 1942:964; *M. s.* Mello-Leitão, 1943:190; *M. s.* Mello-Leitão, 1945:219; *Acrosoma sordidum* Mello-Leitão, 1947:239.

No Estado de São Paulo, *Micrathena sordida* é conhecida apenas da Fazenda Poço Grande, Juquiá (= Poco Grande de Petrunkevitch, 1909) onde, conforme se lê neste último autor (1909:214), W. J. Moenkhaus colecionou quatro fêmeas adultas. O nosso exemplar fêmea (E. 953 C. 1430) procede dessa mesma fazenda, e foi apanhado por Frederico Lane em 23 de março de 1951. Suas reduzidas dimensões: comprimento do cefalotorax: 1.60 — comprimento total: 4.16 (tomada entre a frente e o nível do último espinho do abdomen) — comprimento do abdomen: 2.80 (tomada entre o bordo anterior do mesmo e o nível do último espinho do abdomen) - largura do abdomen: 1.60 (tomada entre as bases do primeiro par de espinhos), quando comparadas com aquelas anotadas por Petrunkevitch (1909), mostram tratar-se de uma fêmea jovem. Com exceção das sigilas, que são amarelas, toda a porção superior do dorso do abdomen é escura, e os dois ângulos posteriores, cada um deles armado de quatro espinhos, estão mais próximos um do outro, como é fácil de se ver pela comparação da figura que anexamos, com aquelas constantes dos trabalhos de Taczanowski e Reimoser (1917). As descrições e figuras desta espécie se encontram em Taczanowski (1872) e Reimoser (1917). Petrunkevitch (1909) apresenta medidas pormenorizadas da espécie, e a figura também. Sua distribuição geográfica é a seguinte: Guiana Francesa (Caiena: Taczanowski, 1872), Costa Rica (Prov. Limon: Waldeck Farm e Hamburg Farm): Reimoser, 1939 - Uruguai (Mello-Leitão, 1933) - Paraguai e Bolívia (Reimoser, 1917) - Argentina (Norte: Mello-Leitão, 1933 e Pindapoy (Misiones: Mello-Leitão, 1945)) - Brasil: Santa Catarina e Minas Gerais (Reimoser, 1917), São Paulo (Fazenda Poço Gran-

de: Petrunkevitch, 1909), Paraná (Curitiba: Mello-Leitão, 1932 e Barigui, Curitiba, Volta Grande e Vila Velha: Mello-Leitão, 1947) - Rio Grande do Sul: Mello-Leitão, 1943 - Todo Brasil (Mello-Leitão, 1933).

### **Selenops cocheleti** Simon, 1880

(Fig. 54)

*Selenops cocheleti* Simon, 1880:235; *S. c.* Petrunkevitch, 1911:509; *S. c.* Mello-Leitão, 1918:29 e 31; *S. c.* Mello-Leitão, 1940:243; *S. c.* Mello-Leitão, 1942:387; *S. c.* Mello-Leitão, 1943:215; *S. c.* Mello-Leitão, 1946:47; *S. c.* Camargo, 1950 *a*: 455, fig. 3, *a a g.*

Descrita por Simon, foi a espécie noticiada, até agora, das localidades seguintes: Paraguai (Simon, 1880 - Asuncion: Simon, 1897 *a*) - Brasil (Paraná e Mato Grosso: Mello-Leitão, 1918 - Paraná: Curitiba, Mello-Leitão, 1940 - Rio Grande do Sul: "comum do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul", Mello-Leitão, 1943 e Estado de São Paulo: Santo Amaro, Camargo, 1950 *a*. Desta última localidade de Santo Amaro, sub-prefeitura de São Paulo, também procede a fêmea adulta (E. 956 C. 1418), cujo epígino desenhamos - pois, conforme se lê na diagnose original, o epígino do tipo fêmea não é desenvolvido, e por isso Simon o não figurou — apanhada dentro de casa, por Mario Autuori, em janeiro de 1951. Não nos consta que *S. cocheleti* tenha sido noticiada, por Simon, da Argentina (Chaco), como quer Mello-Leitão (1942:387). A procedência dos tipos, de acordo com a descrição original, é vaga: Paraguai, e não Asuncion, como quer Mello-Leitão (1946:47). Como se lê acima, o material de *S. cocheleti* figura, de Asuncion, em publicação posterior de Simon, e foi apanhado por Borelli, enquanto que o material tipo é devido a Cochelet. A diagnose original da espécie já foi por nós transcrita (1950 *a*). No mesmo trabalho, descrevemos o palpo do macho e o figuramos, bem como a tibia do mesmo. Mello-Leitão (1918:29) colocou a espécie em chave, e, no mesmo trabalho (pagina 32) deu uma descrição do macho e da fêmea.

### **Corinna bicincta** Simon, 1896

(Figs. 1-5, 45-47)

*Corinna bicincta* Simon, 1896:420; *C. b.* Petrunkevitch, 1911:464; *C. b.* Mello-Leitão, 1918:23; *C. b.* Mello-Leitão, 1922:53 e 55.

Quanto à quetotaxia, Simon, na diagnose original, apenas menciona a da tibia da perna I; nada se lê sobre a denticção, e a descrição do palpo do macho — na parte final da diagnose — deve ser completada com os ligeiros esclarecimentos que Simon (1897*b*: 194)

nos deixou sobre detalhes externos do bulbo genital. Desta espécie de aranha, Fredericò Lane colecionou, em 23 de março de 1951, um macho adulto (E. 953-C. 1427) na Fazenda Poço Grande, Juquiá. É a primeira vez que *C. bicincta* é noticiada no Estado de São Paulo. No final da diagnose original de *C. bicincta* e de *Myrmecium gounellei*, ambas de Simon, lê-se a procedência: "Rio Salobro, Terra Nova (prov. Bahia)". Das investigações que realizamos em mapas e dicionários geográficos, verificamos que, entre os estados do norte do Brasil, percorridos pelo colecionador do material, o entomólogo francês Pierre Emile Gounelle (Bahia, Pernambuco, Ceará e Pará), Pernambuco e não Bahia é o estado onde se situam aquelas duas localidades. Informações mais precisas, contudo, acerca do local exato onde Gounelle apanhara as duas espécies supra mencionadas, não nos é possível dar, pois, como já escrevera Oliverio Pinto (1952:10), a quem devemos ligeiro apanhado sobre a passagem de Gounelle pelo Brasil, há falta de fontes bibliográficas que permitam ao interessado rastrear, minuciosamente, o itinerário da viagem do naturalista gaulês. Em trabalho publicado em 1918, Mello-Leitão, na parte I (Histórico), que se estende da página 17 à página 24, apenas enumera as espécies de aranhas (Drassoideas) estudadas por diferentes autores em suas obras. *C. bicincta* figura na chave que Mello-Leitão (1922:55) dedicou às espécies brasileiras do gênero *Corinna* C. Koch, 1842. Em quasi toda a extensão de pequena porção inferior do cefalotorax, é bem visível o colorido chocolate claro. Quelíceras alaranjadas, pouco mais escuras que o cefalotorax, a retromargem com quatro dentes e a promargem com três, o segundo sendo o maior de todos os dentes da quelícera. No abdomen, que é cilíndrico e esbranquiçado são visíveis: 1.º — a mancha rufescente dorsal, inicial, que se prolonga, de cada lado, por estreita faixa chocolate clara, cada uma delas terminando ao nível do estigma pulmonar; 2.º — duas faixas transversais, ambas cõr de chocolate, e não interessando a porção ventral, a primeira mais estreita, próxima à mancha rufescente já descrita, e com pequena falha no dorso, a segunda, bem mais larga, nítidamente visível a olho nú, disposta pouco além da metade do comprimento do abdomen, e enviando ao terminar, lateralmente, estreito prolongamento chocolate claro para o anel, chocolate, que circúnda a base das fiandeiras. As dimensões do nosso exemplar, são: comprimento do cefalotorax: 3.09; largura da frente: 1.54; maior largura do cefalotorax 2.05; comprimento do esterno: 1.51; largura do esterno: 1.18; comprimento do abdomen: 3.96. A *quetotaxia* é a seguinte: Perna I - Femur: dorsal 1-0, prolateral 1. Patela: sem. Tibia: ventral (direita) 1-2-2-2 e tibia: ventral (esquerda) 1-1-1-2. Protarso: ventral (direita) 1-1-1-1 (estes dois últimos, quase formando par, todos os quatro espinhos, pequenos e curvos) e 1 apical, pequeno e reto, for-

mando verticilo com outros dois, também pequenos, 1 prolateral e outro retrolateral, e ventral (esquerda) 1-1-2-1-1-1 e verticilo apical de 3 espinhos sendo 1 ventral, 1 prolateral e 1 retrolateral. Perna II - Femur: dorsal 1 longo - 1-0 p (pequeno), Tíbia (direita) ventral 1-1-1-1-1-1 (estes dois últimos quase formando par) dispostos, alternadamente, um maior e outro menor, o primeiro sendo maior, e tibia (esquerda) ventral 1-2-1-1-1-1. Protarso: ventral 1-1-1-1 longos e verticilo apical de 3 pequenos espinhos, sendo 1 ventral, 1 prolateral e 1 retrolateral. Perna III - Femur: dorsal 1 longo 1-1-1 r, prolateral 1 muito pequeno. Tíbia: dorsal 1 r - 0 r (muito pequeno), ventral 2-2-2 (sendo que neste último par, temos 1 espinho e 1 cerda espiniforme). Protarso: dorsal 1 r, ventral 1-1-1-1-1 (este último, apical e formando um verticilo com outros dois, 1 r e 1 p. Porção apical, ventral, dos protarsos III com pequena escópula. Perna IV - Femur: dorsal 1-1 longos e 1 pequeno. Tíbia: ventral 1-1-2 (este par, apical), retrolateral 1 d - 1 d. Protarso: Retrolateral 1-1, ventral 1-1-1-1 e 1 pequeno e apical, formando um verticilo com os outros dois 1 r e 1 p. Esses espinhos do protarso IV são vistos com dificuldade por causa do colorido escuro do segmento.

*Quetotaxia do palpo:* Femur: dorsal 1-1, prolateral 1. Patela: prolateral 1-1. Tíbia: prolateral 1-1 grandes e 1 d pequeno.

#### Comprimento das Pernas

Pernas	Femur	Patela + Tíbia	Protarso	Tarso	Total
I	2.05 *	2.62	1.83	1.36	7.86
II	2.05	2.77	2.08	1.29	8.19
III	1.83	2.34	1.87	1.00	7.04
IV	2.41	3.56	2.98	1.08	10.03

*Palpo:* Êmbolo negro, achatado, escavado superiormente, com dois dentes na extremidade; repousa sobre o condutor que é desenvolvido, lembrando uma cabeça de ave com o respectivo rostro. Visto dorsalmente, o condutor se apresenta com a sua extremidade bifida, por causa da depressão superior. Os lados da referida extremidade são percorridos por estrias verticais, paralelas, muito próximas umas às outras, suas porções superior e inferior, com minúsculos dentes. Posteriormente, o condutor mostra um processo longo, livre, estreito, que se prolonga até, aproximadamente, a base do êmbolo.

(\*) Todas as medidas em milímetros.

A apófise mediana está presente, ao lado do condutor, com porção apical que, além de dilatada, tem pequena saliência. Sub-tegulum presente.

Os detalhes restantes, como forma do cymbium, trajeto do reservatório, fundus, etc. podem ser apreciados nas figuras respectivas que este acompanham.

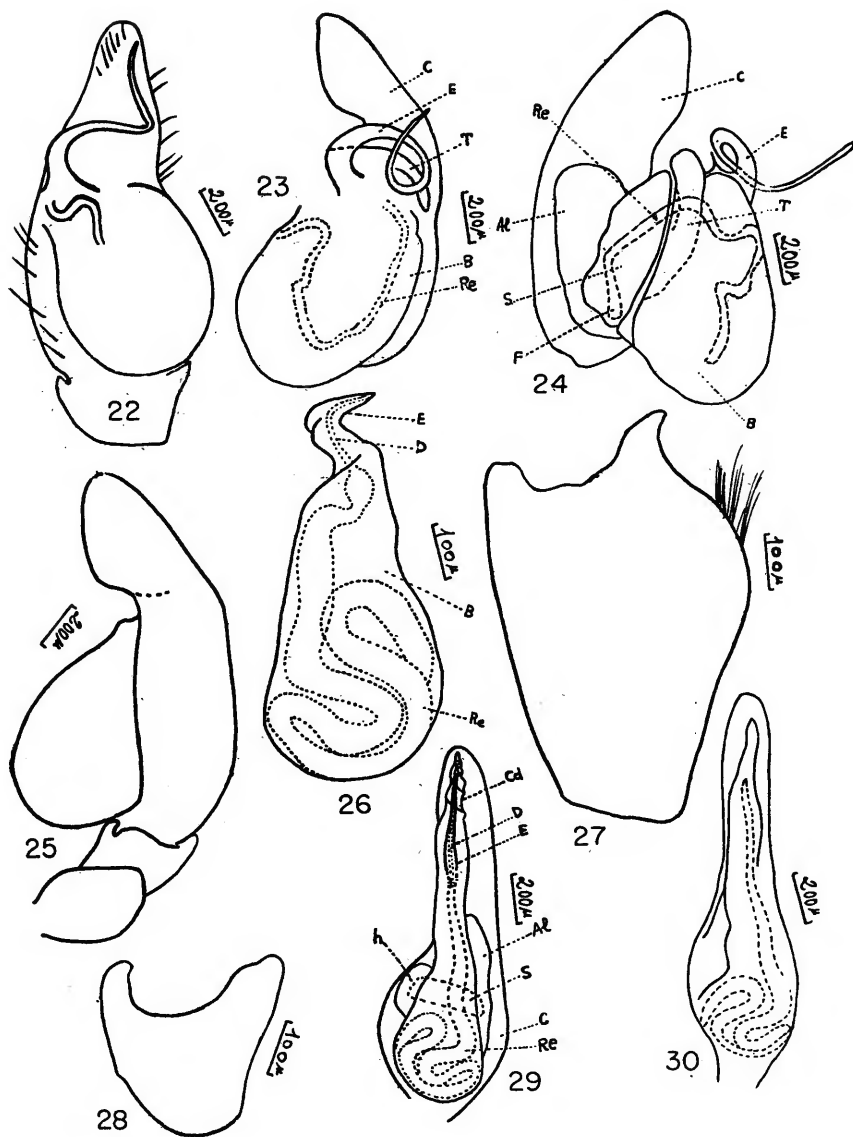
No Estado de São Paulo, *C. bicincta* também ocorre em Pirassununga, de onde a coleção de aracnídeos deste Departamento de Zoologia possui uma fêmea adulta (E. 957 C. 1428) apanhada por Otto Schubart, dentro de casa, na Estação Biológica de Piscicultura de Emas, em 5 de outubro de 1947. Acompanha este uma figura do alótipo fêmea de *C. bicincta*, descrito por Mello-Leitão (1922:53) da localidade de Martins Costa (Estado do Rio) e depositado nas coleções do Museu Nacional. Na mencionada figura o desenhista Victor Frederico preocupou-se, atendendo nosso pedido, com a representação das faixas dorsais do abdomen, deixando de lado detalhes outros, como o colorido das pernas, por exemplo. Na fêmea apanhada em Pirassununga, mal se nota a estreita faixa mediana que corre da primeira à segunda faixa transversais. A distribuição geográfica de *Corinna bicincta* conhecida até o presente, é a seguinte: Brasil: Pernambuco (Terra Nova e Rio Salobro: Simon, 1896) - Estado do Rio (Martins Costa: Mello-Leitão, 1922) e Estado de São Paulo (Juquiá e Pirassununga).

### **Corinna egregia** Simon, 1896

(Figs. 49, 50 e 51)

*Corinna egregia* Simon, 1896:416; *C. e.* Petrunkevitch, 1911:465; *C. e.* Mello-Leitão, 1918:23; *C. e.* Mello-Leitão, 1922:55.

Publicamos três desenhos da tibia e bulbo genital do palpo do tipo, um macho, depositado nas coleções de aracnídeos do Museu de Historia Natural de Paris. Os referidos desenhos foram feitos por Max Vachon. O trecho da descrição original referente àquelas duas partes do palpo do macho é o seguinte: “. . . . tibia patella fereaequilonga, extus, prope medium apophysí magna et divaricata, convexa sed subtus excavata, apice obtusa truncata cum angulo inferiore breviter et acute producto, subtus, ad basin, aculeo styliformi fulvo, subpellucenti et leviter arcuato munito; tarso longe ovato, sat angusto, attenuato”. Ligeira referência às apófises da tibia do palpo ainda se encontra em Simon (1897b: 194). Os tipos, macho e fêmea, procedem da Tijuca e Terezópolis. A fêmea figura, em chave, em Mello-Leitão (1922:55).



N.º 22 - *Trachela robustus*: Palpo, vista ventral. N.º 23 - Idem: Bulbo genital dissecado. Vista ventral, mostrando a porção terminal do trajeto do reservatório. O cymbium foi afastado da sua posição natural. N.º 24 - Idem: Bulbo genital dissecado, vista de perfil. N.º 25 - Idem: Palpo. Tarso e bulbo genital, vistos de perfil, para evidenciar, principalmente, o tamanho e a forma do bulbo, bem como a sua projeção sobre a tibia. N.º 26 - *Castaneira obscura*: Vista ventral do bulbo genital dissecado. N.º 27 - *Myrmecium rufum*: Macho, tibia do palpo, vista dorsal. N.º 28 - *Castaneira obscura*: Macho, tibia do palpo, vista ventral e um tanto por cima. N.º 29 - *Myrmecium rufum*: Bulbo genital dissecado, vista ventral. N.º 30 - Idem: Bulbo genital, vista ventral.

### *Corinna penicillata* Mello-Leitão, 1939

*Corinna penicillata* Mello-Leitão, 1939:530; figs. 16 e 17.

Tivemos ocasião de examinar o tipo desta espécie, um macho, depositado sob numero 320 na coleção de aracnídeos do Instituto Butantan. Na descrição original, lê-se que a margem inferior do sulco ungueal das quelíceras tem três dentes iguais, quando o número exato é cinco, aproximadamente iguais e igualmente distanciados. Também o desenho do palpo (figura 17) apresenta ligeiro senão, respeito à forma do êmbolo, o qual não é reto, mas na sua porção final, mais estreita; curva-se para cima e termina imediatamente após. O defeito é apenas no desenho, pois a observação de Mello-Leitão está de acordo com o que se vê no tipo (“..... bulbo volumoso, de estilete longo e espiralado”). O tipo procede da localidade de Eugenio Lefèvre, Estado de São Paulo.

### *Trachelas robustus* Keyserling, 1891

(Figs. 18 a 25)

*Trachelas robustus* Keyserling, 1891:64, pl. II, fig. 35; *T. r.* Petrunkevitch, 1911:523; *T. r.* Mello-Leitão, 1918:20; *T. r.* Mello-Leitão, 1922:51.

Até o presente era a espécie conhecida apenas através da descrição da fêmea, colecionada em Nova Friburgo (Estado do Rio). Possuimos uma fêmea adulta (E. 953 C. 1424) apanhada por Frederico Lane na Fazenda Poço Grande, Juquiá, em 23 de março de 1951, e cujas dimensões são as seguintes: comprimento total 6.55; comprimento do esterno: 1.51; largura do esterno, entre as ancas II: 1.15. O comprimento dos vários artículos do palpo é o seguinte: Femur: 1.15; Patela + Tíbia: 0.97; Tarso: 1.11.

#### *Comprimento das Pernas*

Pernas	Femur	Patela + Tíbia	Protarso	Tarso	Total
I	2.41	3.09	1.76	0.97	8.24
II	2.37	2.98	1.87	1.00	8.24
III	1.58	1.94	1.47	0.57	5.58
IV	2.19	2.66	2.30	0.68	7.84

QUETOTAXIA DO PALPO: Patela: dorsal 1 cerda espiniforme, prolateral 1 c. e. Tibia: dorsal 1 c. e., prolateral 1 - 1 cerdas espiniformes e ventral 2 (apicais) cerdas espiniformes. Porção ventral do

femur, com três longos pêlos. Unha terminal do palpo, com dois dentes aproximadamente do mesmo tamanho.

Promargem da quelícera com três dentes, retromargem direita com dois, geminados, a esquerda também com dois, porém separados, um baixo, e outro, o último, alto e triangular. Na metade dorsal anterior do abdômen, que é branco amarelado com pequeníssimos pelos escuros, dois pares de sigilas, o primeiro ou anterior, com estas arredondadas, e o segundo ou posterior, com as sigilas um tanto alongadas. Na porção mediana da metade anterior do dorso do abdômen, vê-se, por transparência, uma estreita faixa que se estende até, aproximadamente, a altura do segundo par de sigilas; e que nada mais é que o tubo cardíaco. Epigástrio de um amarelo pouco mais carregado que o das ancas III e IV. Ventre com uma série de quatro linhas formadas por minúsculos pontos amarelos escuros; essas linhas se estendem de pouco adiante da rima genital até as fiandeiras para onde convergem. Superfície ventral dos tarsos e protarsos das pernas I e II com minúsculos tubérculos negros, em pequena quantidade, mais abundantes na perna I que em II, em ambas, porém, não ocupando toda a superfície ventral do protarso. O colorido dos dois pares de pernas anteriores é mais carregado que o dos dois posteriores, mas, no nosso exemplar, o colorido da perna II é ligeiramente mais claro que o da perna I (no exemplar de Keyserling, o colorido das pernas I e II é "heller gelblich roth"). É evidente que Mello-Leitão (1922:51) ao caracterizar, em chave, as espécies brasileiras do gênero *Trachelas*, equivocou-se com relação a *T. robustus* que ali figura com epigino tendo "uma parte quitinosa mediana, em forma de coração de cartas de jogar". Nada disso se observa na boa figura que Keyserling nos dá do epigino desta espécie.

MACHO: comprimento total: 6.12; largura da frente: 1.51; comprimento do cefalotorax: 2.66; maior largura do cefalotorax: 2.23; comprimento do abdômen: 3.20; comprimento do esterno: 1.44; largura do esterno entre as ancas II: 1.15; maior largura do abdômen: 2.01. Cefalotorax mais longo que largo, com alguns pêlos curtos e de implantação oblíqua, de região cefálica mais elevada que a torácica é passando em declive suave para esta. Fosseta torácica longitudinal, curta, mais longa que larga e regularmente profunda, sulcos laterais rasos. Com exceção da região central da porção cefálica, todo o cefalotorax é coberto de inúmeras rugosidades. Oito olhos dispostos em duas fileiras; a posterior mais larga que a anterior e recurva, a anterior muito pouco procurva, todos eles aproximadamente do mesmo tamanho e separados um do outro, os da fileira anterior, de uma distância igual a meio diâmetro, e na fileira posterior, os O. M. estão distantes, um do outro, de pouco mais de um diâmetro, e dos O. L. de quase dois diâmetros. Clípeo com es-

cassos pelos e um nada mais longo que o diametro dos O. M. A. Quadrângulo mais largo que longo e mais estreito na frente que atrás. Quelíceras com bossa, na superfície dorsal inúmeras rugosidades e pêlos, a garra um tanto robusta e de extremidade aguçada, ultrapassando em ligeira extensão, quando em repouso, o segundo dente da retromargem. Três dentes na promargem e dois na retromargem da quelíceras. Lábio mais longo que largo, ultrapassando a metade da altura das lâminas maxilares, de ápice truncado, com ligeira concavidade na porção basal e alguns pêlos negros em maior quantidade no ápice. Lâminas maxilares ligeiramente convergentes e mais largas na metade terminal. Esterno convexo, mais longo que largo, coberto por inúmeras rugosidades, com alguns pêlos esparsos e nítido rebordo nos lados, terminando entre as ancas IV por uma porção saliente, curta, arredondada. Pernas desprovidas de espinhos, cobertas de pêlos na maioria curtos e de implantação oblíqua, e de outros, nas tíbias, protarsos e tarsos, de tamanho médio, escuros e implantados perpendicularmente. As pernas III e IV tem, respectivamente, no terço e no quarto terminais, ventrais, do protarso, uma escópula. Superfícies ventrais dos protarsos e tarsos das pernas I e II com minúsculos tubérculos negros, em pequena quantidade, porém mais abundantes na perna I que na perna II. Tarsos com duas unhas e tufo de cerdas entre elas. A perna I, esquerda, além de ser menor que a perna I, direita — conforme se vê na tabela de medidas abaixo — tem os seus diversos segmentos mais finos que os da direita, bem como ausência dos minúsculos tubérculos negros na superfície ventral do tarso e protarso. Trata-se de perna regenerada.

*Comprimento das Pernas*

Pernas		Femur	Patela + Tíbia	Protarso	Tarso	Total
I	esquerda	1.80	2.26	1.29	0.79	6.15
	direita	2.23	2.88	1.69	0.81	7.61
II		2.16	2.84	1.69	0.86	7.56
III		1.44	1.80	1.33	0.57	5.14
IV		1.98	2.44	2.05	0.64	7.13

Abdomen oval alongado, com dois pares de sigilas, dispostas na metade anterior, as do primeiro par arredondadas, e as do segundo, alongadas, tubo cardíaco visível, por transparência, como uma faixa ligeiramente mais escura, estendendo-se, na porção mediana, dorsal, até pouco além do par posterior de sigilas. Seis fian-

deiras, das quais as duas anteriores se tocam e são mais grossas e pouco menores que as duas posteriores.

**PALPO:** Patela mais longa que larga e tendo no seu ápice três minúsculas elevações, a maior das quais é arredondada, todas, porém, bem como pequena porção superior do bordo externo, com pequeninas saliências e reentrâncias — não representadas na figura que este acompanha — lembrando os dentesinhos de uma serra. Tíbia aproximadamente tão larga quão longa, com pequena apófise na metade superior do bordo externo, e o bordo dorsal com elevação nítida na sua região interna, conforme se vê na figura respectiva. Cymbium de comprimento pouco maior que o do femur, bulbo genital muito desenvolvido e dilatado e projetando-se sobre uma parte da superfície ventral da patela. Êmbolo longo e cuja forma, disposição e relações, bem como as das demais estruturas do bulbo podem ser facilmente apreciadas nas figuras que acompanham este.

Cefalotorax, quelíceras, lâminas e lábio, vermelho-escuro, esterno mais claro. As pernas I e II são de colorido mais escuro que III e IV, a perna I é alaranjada, a perna II é de um amarelo pouco mais escuro que o das pernas III e IV. Colorido geral do abdomen, que apresenta inúmeros pêlos minúsculos, escuros, amarelo palha, a maior porção da sua região dorsal tomada por u'a mancha alaranjada que, a partir do bordo anterior ocupa, aproximadamente, três quartos da dita superfície. Epigástrio amarelo, quase como as pernas III e IV, pouco mais escuro que o colorido das fiandeiras inferiores; fiandeiras superiores amarelo pálido. Ventre com mancha fuliginosa disposta na maior parte do espaço entre a rima genital e a base das fiandeiras inferiores. Femur e patela do palpo, do mesmo colorido que o da perna I, a tíbia pouco mais escura. Pequena zona externa, superior, da patela, e estreita faixa transversal, superior, dorsal, da tíbia, escuras.

ALÓTIPO MACHO, n.º E. 951 C. 1423 no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, coligido por Helga Urban, de 26 a 29 de janeiro de 1951.

PROCEDÊNCIA: Ilha de São Sebastião (litoral do Estado de São Paulo).

### ***Trachelas rugosus* Keyserling, 1891**

*Trachelas rugosus* Keyserling, 1891 :62, pl. II, figs. 34 e 34a; *T. r.* Petrunkevitch, 1911:523; *T. r.* Mello-Leitão, 1918:20; *T. r.* Mello-Leitão, 1922:51.

Retromargem da quelícera com três dentes aproximadamente do mesmo tamanho e igualmente distanciados entre si; promargem também com três dentes, dos quais o segundo é o mais robusto, mais próximo do primeiro que do terceiro que é o menor dos dentes da

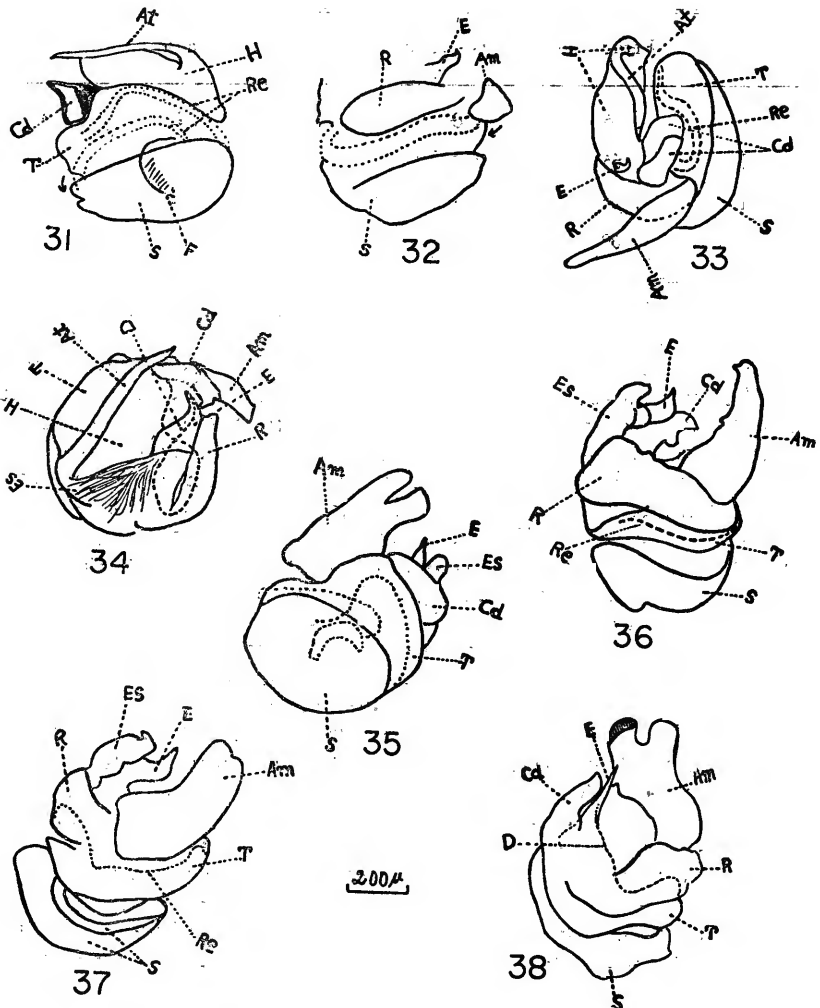
quelícera. Na chave que Mello-Leitão (1922:50) organizou para as espécies brasileiras do genero *Trachelas* L. Koch, 1866, a espécie *rugosus* figura entre aquelas de "epigyno sem placa mediana cordiforme", equívoco evidente, uma vez que esta última estrutura pode ser facilmente apreciada na figura (n.º 34a) do epigino de *T. rugosus* Keyserling, constante da diagnose original. A sua distribuição geográfica, restrita, até agora, aos Estados do Rio (St. Antonio am Rio Pomba = Santo Antonio de Pádua, localidade situada no baixo rio Pomba, afluente da margem esquerda do rio Paraíba, e Serra Vermelha = Serra Vermelha, situada ao sul do baixo curso do rio Paraíba) e Espírito Santo, localidades essas constantes da descrição original, acrescente-se o Estado de São Paulo, de onde este Departamento de Zoologia possui uma fêmea adulta (E. 953 C. 1425) e uma fêmea jovem (E. 953 C. 1426) colecionadas por Frederico Lane em 23 de março de 1951, na Fazenda Poço Grande, Juquiá.

#### *Trachelas 4-punctatus* Mello-Leitão, 1922

(Figs. 10-17)

*Trachelas 4-punctatus* Mello-Leitão, 1922:49 e 50.

Esta espécie não mais foi mencionada na literatura desde que Mello-Leitão a descreveu baseando-se numa fêmea e num macho adultos, colecionados na localidade de Pinheiro (Estado do Rio). Apesar de não termos examinado os tipos da espécie, por motivos alheios à nossa vontade, cremos ter havido equívoco de Mello-Leitão ao tomar o comprimento total da fêmea (3.7) pois esta, conforme se lê no trabalho acima mencionado, é menor que o macho (4.8). Ora, regra geral, nas aranhas as fêmeas são sempre maiores que os machos respectivos, e o estudo de várias tabelas de medidas de várias espécies do gênero *Trachelas* nos mostrou que também aqui os machos são menores que as fêmeas. Nosso exemplar (E. 954 C. 1433) é um macho adulto, apanhado por Helga Urban no Bairro das Perdizes, cidade de São Paulo, em 12 de setembro de 1951. Suas dimensões, são: comprimento total: 5.58; comprimento do cefalotorax 2.34; maior largura do cefalotorax: 1.90; comprimento do abdomen: 2.88; maior largura de abdomen: 1.58; largura da frente: 1.33; comprimento do esterno: 1.29; largura do esterno: 1.18. Superfície ventral dos tarsos e protarsos I e II e metade apical, ventral, das tíbias I, e terço apical, também ventral, das tíbias II, com minúsculos tubérculos negros, em quantidade muito pequena nos tarsos e tíbias, nestas, porém, mais que naqueles.



N.º 31 - *Eustala guttata*: Bulbo genital dissecado, para mostrar o trajeto do reservatório (I e III). N.º 32 - Idem: Bulbo genital dissecado, para mostrar o trajeto do reservatório (II). N.º 33 - Idem: Bulbo genital dissecado, visto por cima. Apenas parte da apófise mediana é representada (V). N.º 34 - Idem: Bulbo genital dissecado, visto por cima. Apenas parte da apófise mediana é representada (V). N.º 35 - *Acacésia folifera*: Bulbo genital dissecado; trajeto do receptaculum seminis (I e III). N.º 36 - Idem: Bulbo genital dissecado, trajeto do receptaculum seminis (II). N.º 37 - Idem: Bulbo genital dissecado, trajeto do receptaculum seminis (IV). N.º 38 - Idem: Bulbo genital dissecado, trajeto final do receptaculum seminis (V).

*Comprimento das Pernas*

Pernas	Femur	Patela + Tíbia	Protarso	Tarso	Total
I	2.05	2.80	1.40	0.82	7.09
II	1.65	2.23	1.11	0.68	5.68
III	1.26	1.54	1.04	0.46	4.32
IV	1.69	2.30	1.62	0.61	6.22

Os detalhes da quelícera, que é robusta, com proeminência supero-basal-interna, e uma espécie de dente, na porção basal da zona limite entre as superfícies ventral e interna, podem ser apreciados nas figuras anexas. O palpo, quando dissecado, deixa bem evidente a maior porção do subtegulum — justamente a representada na figura respectiva — pois, após passar por cima da zona estreitada, inferior, do bulbo genital, passa a correr lateralmente e em plano mais profundo. Conforme se vê nas várias figuras, o bulbo tem “um longuíssimo estylete filiforme, *cerca de duas vezes maior que o tarso*, (\*) e muito sinuoso e retorcido”, o que está de acordo com a descrição original, e não um “grande estylete sinuoso, *de extensão quasi igual á do tarso* (\*) . . .”, como escreve o próprio Mello-Leitão, logo abaixo daquela diagnose, ao caracterizar, em chave, a espécie *Trachelas 4-punctatus*. Quanto à quetotaxia, apenas as pernas IV possuem, na superfície dorsal do femur, um pequeno espinho. Pernas I e II amarelas, a perna I pouco mais escura que II, pernas III e IV amarelo-pálidas. A anca I se distingue, nitidamente, das demais, pois, além de ser maior, é alaranjada escura. Com exceção dos femures e tarsos, todas as pernas possuem, nos demais segmentos, manchas escuras, dispostas nas superfícies laterais, aos pares; nas pernas I e II ditas manchas são pouco visíveis pois, além de serem mais claras, estão dispostas em fundo mais escuro, o inverso, portanto, do que acontece nas pernas III e IV onde é nítido o contraste entre o colorido escuro delas, e o fundo amarelo pálido do segmento.

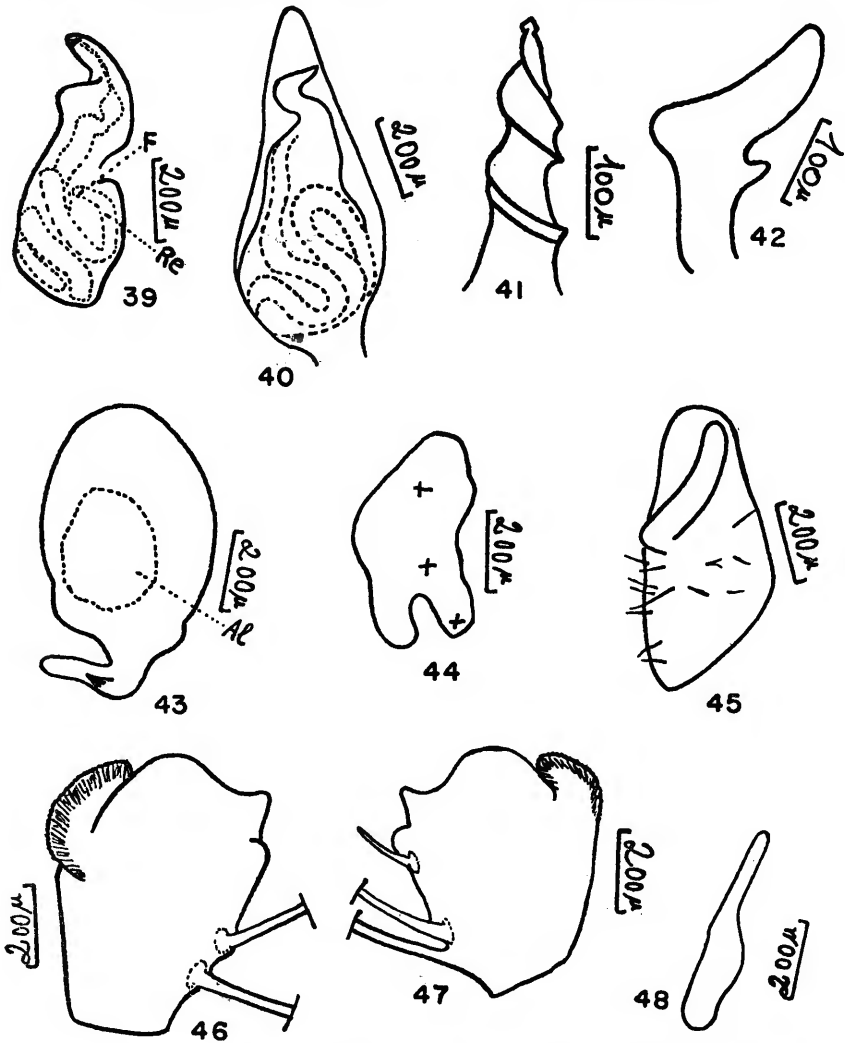
**Castaneira obscura** Keyserling, 1891

(Figs. 26, 28, 39, 40)

*Castaneira obscura* Keyserling, 1891:71, pl. II, figs. 40, 40a e 40b; C. o. Petrunkevitch, 1911:455; C. o. Mello-Leitão, 1918:20; C. o. Mello-Leitão, 1922:46.

(\*) O grifo é nosso.

(\*) O grifo é nosso.



N.º 39 - *Castaneira obscura*: Bulbo genital dissecado, vista lateral, para mostrar a localização do fundus e o início do reservatório. N.º 40 - Idem: Bulbo genital, vista ventral. N.º 41 - *Myrmecium rufum*: Macho, detalhe do condutor, vista ventral. N.º 42 - *Acacesia folifera*: Macho, vista do paracymbium, para mostrar a sua apófise. N.º 43 - Idem: Cymbium, vista dorsal, evidenciando a posição do alvéolo. Vê-se também o paracymbium com a sua pequena apófise (em negro). 44 - Idem: Apófise mediana, vista dorsal. Assinaladas, as posições das três pequenas apófises. N.º 45 - *Corinna bicincta*: Macho, tibia do palpo. Vista dorsal da sua apófise externa, mostrando a posição desta no segmento. N.º 46 - Idem: Macho, tibia do palpo, vista ventral. N.º 47 - Idem: Macho, tibia do palpo, vista dorsal. 48 - *Eustala guttata*: Macho, apófise mediana, vista dorsal.

É esta uma das espécies formiciformes do gênero. Nossos exemplares são dois machos adultos (E. 952 C. 1435 e E. 952 C. 1436) colecionados pelo autor na Fazenda Brucutú, Sub-Prefeitura de Santo Amaro, Município de São Paulo, em 2 de fevereiro de 1950. É a segunda vez que a espécie é registrada; o macho que serviu para Keyserling descrever *C. obscura*; procede do Estado do Espírito Santo. Figura na chave que Mello-Leitão (1922:46) dedicou às espécies brasileiras do gênero. A descrição original, bastante satisfatória, dispensa maiores considerações, outro tanto não se podendo dizer da figura do palpo, representado somente de perfil. As ligeiras diferenças, apenas de colorido, entre o tipo — a julgar pela descrição original — e os nossos dois exemplares, podem ser apreciadas no quadro abaixo:

TIPO	E. 952 C. 1436	E. 952 C. 1435
Cefalotorax e quelíceras escuros	Cefalotorax escuro e quelíceras pardacentas	Cefalotorax escuro e quelíceras pardacentas
Fêmures, na base, tíbias IV até pequena extensão na porção final, e a maior parte dos protarsos, castanhos (schwarzbraun)	Nenhum dos fêmures com castanho na base; tibia IV alaranjada com alguns pêlos escuros e anel terminal amarelo; apenas o protarso IV com alguns pêlos escuros na metade basal, mais claros, porém, que aqueles do protarso IV do indivíduo seguinte.	Apenas o fêmur I castanho na base; tibia IV vermelho amarelada com alguns pêlos escuros e anel terminal amarelo com alguns pêlos brancos; todo o protarso I e maior parte do protarso IV, castanhos (schwarzbraun).

Nos nossos dois exemplares, a promargem da quelícera tem dois dentes, o primeiro dos quais é o maior de todos os dentes da quelícera. Na retromargem, o exemplar E. 952 C. 1435 tem dois, enquanto que o de n.º E. 952 C. 1436 tem, numa das retromargens, dois, e na outra, apenas um dente.

### *Myrmecium gounellei* Simon, 1896

*Myrmecium gounellei* Simon, 1896: 410; *M. g.* Petrunkevitch, 1911: 494; *M. g.* Mello-Leitão, 1918: 23; *M. g.* Mello-Leitão, 1923: 12.

Descrita de Pernambuco (Rio Salobro, Terra Nova) com base em macho e fêmea (\*). Figura em chave, em Mello-Leitão (1923 e

(\*) Sobre a procedência dos tipos de *Myrmecium gounellei*, vide o que ficou dito no nosso comentário, páginas atrás, sobre a espécie *Corinna bicincta*.

1932a: 152, 153). O macho foi figurado por Simon (1897: fig. 172) e por Mello-Leitão (1932a: fig. 13) que reproduziu a ilustração dada por Simon. Millot (1949: fig. 502 A) figura a fêmea. É esta a segunda vez que a espécie é encontrada. Nosso exemplar (E. 953 C. 1429), uma fêmea adulta, foi colecionada por Frederico Lane, na Fazenda Poço Grande, Juquiá, em 23 de março de 1951, e suas dimensões são: comprimento total: 5.65; comprimento do cefalotorax: 3.34; maior largura do cefalotorax: 1.40; largura da primeira expansão do cefalotorax: 0.86; comprimento do pedicelo: 0.36. *Que-totaxiá*: Perna I — Femur: sem espinhos. Patela: sem espinhos. Tibia: ventral 1-1-1 longos, prolateral 1-1 longos. Protarso: 1-1-1-1 longos e ventrais. Perna II — Tibia: 1-1-1-1 longos e ventrais. Protarso (esquerdo): 1-1-1-1 longos e ventrais. Protarso (direito): 1-1-1-1 longos e ventrais. Perna III — Patela: Retrolateral 1 pequeno. Tibia: Prolateral 1, retrolateral 1, ventral 1 p - 1 p - 1 r longos. Protarso (direito): ventral 2-2, prolateral 1 basal. Protarso (esquerdo): Retrolateral 1 basal, ventral 1-1-1-1. Perna IV — Femur: dorsal 1 pequeno e no ápice. Tibia: Prolateral 1 quase no meio, retrolateral 0, ventral 1. Protarso: Prolateral 1 d basal, retrolateral 1 d basal, ventral 1-1-1-1.

#### Comprimento das Pernas

Pernas	Femur	Patela + Tibia	Protarso	Tarso	Total
I	1.83	2.23	1.44	0.93	6.44
II	1.44	1.72	1.15	0.68	5.00
III	1.33	1.54	1.18	0.61	4.68
IV	2.05	2.12	1.90	0.75	6.84

É bem nítido o contraste entre o colorido dos dois pares de pernas anteriores e os dois pares de pernas posteriores. Aqueles são muito mais claros, os fêmures amarelo desmaiado com ligeiro reflexo oliváceo e uma mancha mais ou menos extensa na região dorsal, parda, as patelas e tíbias amarelas, percorridas em suas faces pro e retrolateral, em toda a extensão, por uma fita pardacenta. Os tarsos I são escurecidos, a metade basal dos protarsos I é pouco mais clara que o pardacento das fitas já mencionadas, enquanto que a metade final é amarela clara. O protarso II tem, praticamente, o mesmo colorido da porção dorsal da tibia, e o tarso II é um nada mais claro que ele. Anca I, com exceção da porção ventral que é amarela, com o mesmo colorido escuro do cefalotorax. Na anca II, as superfícies dorsal e ventral são amarelas, e as duas restantes,

pro e retrolateral, com uma faixa escura. O colorido das ancas, femures, patelas e tíbias III e IV é, de uma maneira geral, "cinnamon-rufous" (nomenclatura de Ridgway), pois as patelas III e IV, base dos femures IV e as tíbias IV são de colorido mais claro que o daqueles segmentos enumerados, enquanto que os protarsos e os tarsos são, os primeiros, rufescentes amarelos, e os segundos, amarelo claros, contrastando, assim, com o colorido geral dos segmentos restantes das pernas III e IV. No palpo, estreita faixa dorsal do femur, porção prolateral da patela, tíbia e maior parte basal do tarso, escuros, porções restantes, amarelas. *Quetotaxia do palpo*: Femur: ventral 1-1. Patela: prolateral 1 d. Tíbia: prolateral 1-1 d, ventral 2 (apicais) - O (os três quase em linha). Tarso: prolateral 1 (basal), ventral 2 (pequenos) - 2 (1 pequeno e 1 grande) - 1-1-1-1 (a observação dos espinhos nessa face do protarso torna-se difícil pela possibilidade de confusão com os pêlos, aproximadamente do mesmo tamanho e diâmetro que os espinhos).

*Medidas do palpo*: Femur: 0.61; patela + tíbia: 0.75; tarso: 0.79.

No livro de Lucien Berland (1932) a estampa n.º 256 traz apenas o nome *Myrmecium*. Essa estampa foi reproduzida, com a mesma indicação, por Raffaele Issel (1935:779). Trata-se da espécie *Myrmecium bifasciatum* Tacz., 1873, uma fêmea. Taczanowski, (1873:109) que obteve duas fêmeas e um macho, procedentes de St. Laurent du Maroni (noroeste da Guiana Francesa), descreveu a fêmea e o macho; figurou apenas o macho (pl. II), dorsalmente e de perfil (figs. 9 e 9a, respectivamente).

### *Myrmecium rufum* Latreille, 1824

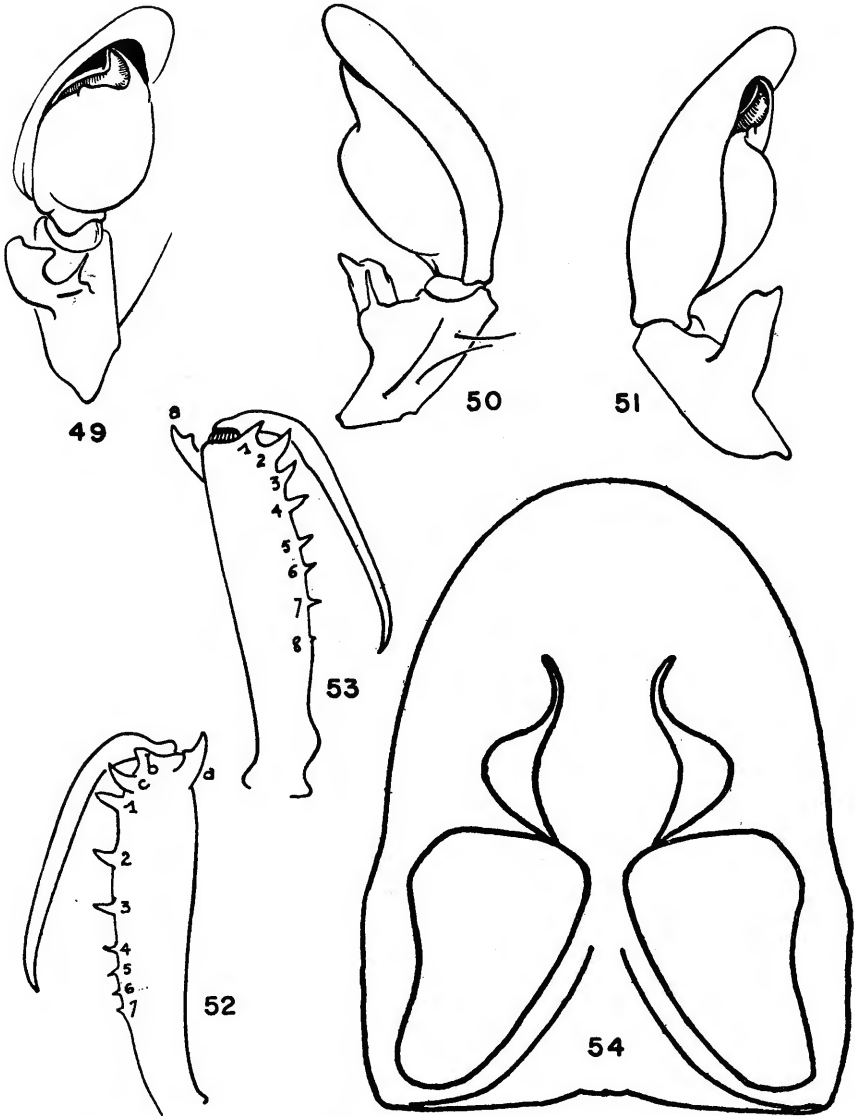
(Figs. 27, 29, 30, 41)

*Myrmecium rufum* Latreille, 1824: 27, pl. 2, figs. 1 a 8; *M. r.* Petrunkevitch, 1911: 495; *M. fulva* Mello-Leitão, 1918: 17, 18; *M. mendax* (\*) Mello-Leitão, 1923 (\*\*): 11 e 12; *M. r.* Mello-Leitão, 1923: 12; *M. r.* Mello-Leitão, 1932a: 152, 153, 154, figs. 1, 2 e 3.

Exceção feita da figura n.º 2 (macho, aumentado duas vezes), as sete figuras restantes, do trabalho de Latreille (1824: pl. 2), foram reproduzidas por Walckenaer (1837: pl. 9, figs. 2 A, 2 B, 2 D, 2 F, 2 h, 2 l e 2 P). Dugès e Milne Edwards (1836-1849: pl. 13, figs. 4, 4a e 4b) reproduziram as figuras 2, 6 e 7 do trabalho de

(\*) A espécie *M. mendax* Mello-Leitão, 1923, foi colocada na sinonímia de *M. rufum* Latreille, pelo próprio Mello-Leitão (1932a: 154).

(\*\*) Do Boletim da Sociedade Entomológica do Brasil, órgão da Sociedade Entomológica do Brasil, fundada no Rio de Janeiro em 2 de fevereiro de 1922, saíram apenas dois números: o de 1922 (fascículos 1, 2 e 3) e o de 1923 (fascículos 4, 5 e 6).



N.º 49 - *Corinna egregia*: Palpo, vista ventral. N.º 50 - Idem: Palpo, vista de perfil. N.º 51 - Idem: idem. N.º 52 - *Tetragnatha vicina*: Macho, quelícera do tipo, para mostrar a dentição da promargem. N.º 53 - Idem: Macho, quelícera do tipo, para mostrar a dentição da retromargem. N.º 54 - *Selenops cocheleti*: Fêmea, epígino.

Latreille. Mello-Leitão (1932a) na figura n.º 1, reproduz a figura n.º 4 de Dugès e Milne Edwards (= fig. n.º 2 de Latreille); na figura n.º 2, reproduz a figura 2 D de Walckenaer (= figura 1 de Latreille); na figura n.º 3 reproduz a figura n.º 173 de Simon (1897b — figura total do macho). Note-se que Simon é o único a representar o abdomen de *M. rufum*, em sua forma normal, não só na citada figura n.º 173, como também na figura A da página 164 (1897b), a qual representa o cefalotorax e abdomen vistos por cima. Na mesma página, figura B, Simon ilustra o esterno e o pedículo da espécie, vistos por baixo. Em Latreille e, naturalmente, em Dugès e Milne Edwards, Walckenaer e Mello-Leitão, que reproduziram as figuras constantes do trabalho do primeiro, o abdomen de *M. rufum* se mostra bastante contraído, muito menor que o cefalotorax. É que Simon, na figura n.º 173, se baseou num macho conservado em alcool (Mello-Leitão, 1932a:154), enquanto que, os exemplares de Latreille, se achavam bastante secos. Disso Latreille (1824:24) não faz segredo, ao dizer: “Nous donnons la figure de l'abdomen de l'un et l'autre sexe, mais en prévenant qu'il nous a été impossible d'en bien saisir la forme, à raison de la dessiccation de sa partie membraneuse, et des altérations qui en sont le résultat”. Walckenaer, não só reproduziu as figuras de *M. rufum* do trabalho de Latreille, como também deve ter tido sob seus olhos, para redescrição, o próprio tipo, macho. Daí o que ele escreve (1837:386) e que já foi transcrito por Mello-Leitão (1932a:154). Compartilhamos, aqui, da opinião já expendida por Mello-Leitão (1932a: 149: (ao pé da página) e 154).

Quanto ao palpo do macho, as figuras existentes em Latreille (1824:fig. 7), Walckenaer (1837:fig. 2A) e Dugès e Milne Edwards (1836-1849:fig. 4b), nos dão uma boa idéia da forma da tibia e da sua pequena apófise, mas pouco ou nada adiantam sobre alguns importantes detalhes do bulbo genital, pois o cymbium foi figurado dorsalmente, e o bulbo deixa ver apenas estreita margem. As descrições que Latreille (1824:25 e 26) e Simon (1897b:166) dedicaram ao palpo do macho, por serem muito sumárias, não suprem a lacuna aberta pela falta, até aqui, de uma figura esclarecedora.

Até o presente, *M. rufum* só fôra noticiada das proximidades do Rio de Janeiro (Latreille:1824) e matas do Corcovado, também Rio de Janeiro (Mello-Leitão, 1923; ao descrever *M. mendax* = *M. rufum*). Nosso exemplar, um macho adulto (E. 526 C. 1422), foi colecionado por Frederico Lane em Campos da Serra (cabeceira do rio M'boy Guaçu, São Paulo), em 3 de abril de 1943. Suas dimensões são as seguintes: fronte: 1.65; comprimento do cefalotorax: 5.76; maior largura do cefalotorax: 1.98; largura da 1.ª dilatação do cefalotorax: 1.33; comprimento do pedicelo: 0.61; comprimento do abdomen: 3.81; maior largura do abdomen: 1.58.

*Comprimento das Pernas*

Pernas	Femur	Patela + Tíbia	Protarso	Tarso	Total
I	3.16	4.32	2.80	1.58	11.88
II	2.52	3.06	2.08	1.04	8.71
III	2.48	3.06	2.08	0.93	8.55
IV	3.60	3.92	3.38	1.18	12.09

QUETOTAXIA: Perna I - Tíbia: ventral 1-1-1-1-1. Protarso: ventral 1-1-1-1. Perna II — (direita): Tíbia: ventral 1-2-2-2; (esquerda): Tíbia: ventral 1r-1-1r-1-1r-1 (estes dois últimos, quase formando par). Protarso (direito): ventral 1-1; (esquerdo): ventral 1-1-1-1. Perna III — Tíbia: prolateral 1-0, ventral 1-1-1-1 (estes dois últimos quase formando par), retrolateral 1d (pouco visível). Protarso: prolateral 1-0, ventral 1-1-1-1-1 (este último, apical), retrolateral 1-0. Perna IV — Tíbia: prolateral 1-1, ventral 1-1-1-1, retrolateral 1d-1. Protarso (direito) ventral 1-1-1-1-1 (apical); (esquerdo) ventral 2-2-1 (apical), prolateral 1-1; retrolateral 1-1.

Cefalotorax e quelíceras vermelho escuros (marocco red), aquele com vários traços e manchas enegrecidos. No meio da região cefálica, uma figura que lembra as asas anteriores, abertas, de uma borboleta. Lâminas maxilares alaranjadas, lábio e esterno escurecidos, o lábio com ligeira margem superior, mais clara. Os dois pares anteriores de pernas são visivelmente mais claros que os dois posteriores, brancos com ligeiro brilho amarelado, com exceção da metade terminal do protarso I e de todo o tarso I, nos quais é nítido o colorido amarelo. Nas pernas I e II, apenas em pequena zona retrolateral, terminal, dos fêmures, é que se vê u'a mancha pardacenta, pois, na superfície retrolateral das patelas, pro e retrolateral das tíbias e apenas retrolateral dos protarsos — tanto nestes como nas tíbias, em toda a extensão do segmento — o pardacento se distribui sob a forma de fita. Nas pernas III e IV, aquelas, bem como os tarsos IV são amarelos com brilho esbranquiçado, enquanto que pouco mais da metade basal dos fêmures (o restante deste segmento é tomado por u'a longa mancha pardo-escuro medindo 1.62, bem visível a olho nú), toda a patela e tíbia das pernas IV são branco pálidos. Protarsos IV alaranjados, colorido este mais intenso no quinto final. Exceção feita dos tarsos, em todos os demais segmentos das pernas III e IV, aparece o pardacento, de mistura com o colorido fundamental, em extensão maior ou menor, ora sob a forma de mancha, ora

sob a forma de fita. Quelíceras com quatro pequenos dentes na retromargem e três na promargem, sendo o segundo o maior de todos eles. A região dorsal do abdomen está dividida em duas partes: uma anterior, coriácea, e que se estende até pouco além da metade e outra posterior, não coriácea. A porção anterior é de colorido mais sombrio (aproximadamente “mahogany red”) que o do cefalotorax, percorrida por múltiplas vermiculações pouco mais brilhantes que o colorido geral, e com um par de manchas arredondadas de pêlos brancos. A este par segue-se um outro, menor, disposto lateralmente. A porção posterior, não coriácea, é mais escura que a anterior, e tem algumas estreitas faixas transversais, de colorido pouco mais claro que o geral, pouco perceptíveis. Essas faixas foram mencionadas e representadas por Simon (1897b:170 e fig. 173), mas, contrariamente ao que escreve Mello-Leitão (1932a:154), não foi aquele araneólogo o primeiro a notá-las, pois que o próprio Latreille (1824: 24) apesar de não figurar ditas faixas, já escrevera, ao tratar do abdomen de *M. rufum* que “. . . la portion charnue et terminale prend ici une figure carrée, et le dos offre des vestiges d'anneaux (\*)”. O epigástrio é fulvo, com pequena mancha parda na sua porção central. O resto do ventre é pardacento, com duas listas esbranquiçadas, não convergentes, que são mais largas e mais visíveis no início (pouco adiante dos estigmas pulmonares), e após vão se tornando cada vez menos notáveis, até desaparecerem antes de atingirem a base das fiandeiras. *Colorido do palpo*: Femur e superfícies dorsal e retrolateral da patela, branco-amarelados, porções ventrais e retrolaterais desta última, pardas. A tíbia, que também é parda, apresenta na sua porção média uma lista longitudinal amarelada que a percorre de cima a baixo. A porção mais larga do cymbium é parda, e a afilada é fulva.

Abstemo-nos de descrever o bulbo genital, tendo em vista as figuras correspondentes que acompanham este. O condutor — representado separadamente — é espiralado.

### ***Chira bicirculigera* Soares & Camargo, 1948**

*Chira bicirculigera* Soares & Camargo, 1948: 421, figs. 1, 2 e 3.

Desta espécie apenas o macho é conhecido. Sua distribuição geográfica é a seguinte: Estado de São Paulo (Cubatão) e Estado de Goiás (Fazenda Monjolinho, Mun. de Corumbá), Soares & Camargo, 1948 — e Fazenda Poço Grande, Município de Juiquiá, de onde provem os machos (E. 958 C. 1437 e E. 958 C. 1438) colecionados por Frederico Lane em 26 de março de 1953, e depositados nas coleções de aracnídeos deste Departamento de Zoologia.

(\*) O grifo é nosso.

Os dois exemplares, aproximadamente do mesmo tamanho (C. 1437 = 6.00 e C. 1438 = 5.5), apresentam variações no colorido. O exemplar E. 958 C. 1437 copia o colorido do tipo, ao passo que o outro exemplar mostra, na perna I, banho alaranjado nos fêmures, e as patelas e tíbias não denunciam qualquer vestígio de escuro. Antes, são uniformemente amarelas, como os três pares restantes de pernas. Também o dorso do abdomen é amarelo em vez de castanho. O ventre é claro, branco amarelo, em vez de escuro. O esterno, do mesmo colorido amarelo claro das pernas II, III e IV, e não escuro, contrastando, nitidamente com aquele das mesmas. O lábio, na sua maior parte, as lâminas maxilares, na metade basal, e as quelíceras, são bem mais claros, pardacentos, o branco amarelado ocupando a metade terminal das lâminas, e estreita faixa final do lábio. No exemplar E. 958 C. 1437, o lábio, lâminas maxilares, quelíceras, fêmures, patelas e tíbias dos palpos são de cor chocolate escuro, cor esta que contrasta apenas com o branco com vestígios rufescentes, da margem superior, interna, das lâminas maxilares.

## A B S T R A C T

The Author studies 20 species of spiders of the sub-order Dipneumonomorphae occurring in Brazil, mostly from the State of São Paulo. All specimens seen are deposited in the arachnological collections of the Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo. *Tetragnatha vicina* Simon, 1897, and *Corinna egregia* Simon, 1896, are discussed but were not actually seen.

The following points deserve mention:

- 1— Geographical distribution of all forms treated.
- 2— The species *Eustala guttata* F.O.P. Cambridge, 1904 and *Micrathena quadriserrata* F.O.P. Cambridge, 1904, are for the first time recorded for Brazil.
- 3— The allotypus ♂ of *Trachelas robustus* Keyserling, 1891, is described; it is a specimen from the Island of São Sebastião, São Paulo.
- 4— The following species are placed in the synonymy of previously described ones: *Tetragnatha soaresi* Camargo, 1950 (= *Tetragnatha longidens* Mello-Leitão, 1945) and *Loxosceles surata* Simon, 1907 (= *Loxosceles similis* Moenkhaus, 1898). The type of *L. similis* is in the collections of the Departamento de Zoologia.
- 5— Drawings are presented of the chelicera of the type of *T. vicina* and of the genital bulb of the type of *Corinna egregia* (both obtained through the kindness of Prof. Max Vachon).
- 6— Species so far insufficiently described and/or figured, such as *Corinna bicincta* Simon, 1896, *Myrmecium rufum* Latreille, 1824, *Myrmecium gounellei* Simon, 1896, etc., are described at length and as well illustrated as possible.
- 7— Comments are made on the nomenclature of the genital bulb used by Cambridge (1904) and by Menge (1866).

## BIBLIOGRAFIA

- ARCHER, A. F. — 1951 - Studies in the Orbweaving Spiders (Argiopidae).  
1. Am. Mus. Novitates, n.º 1487: 52 pp. 9 pl. 82 figs.
- ARCHER, A. F. — 1951 a - Studies in the Orbweaving Spiders. (Argiopidae).  
2. Am. Mus. Novitates, n.º 1502: 34 pp. 6 pl. 78 figs.
- BADCOCK, H. D. — 1932 - Reports of an Expedition to Paraguay and Brazil  
in 1926-7, supported by the Trustees of the Percy Sladen Memorial Fund  
and the Executive Committee of the Carnegie Trust for the Universities of  
Scotland — Arachnida from the Paraguayan Chaco. The Journ. Linn. Soc.  
London (Zoology), vol. 38: 48 pp. 39 figs.
- BANKS, N. — 1902 - Some spiders and other arachnida from Porto Rico. Proc.  
Un. St. Nat. Mus. vol. XXIV: 217-227, 1 pl. 7 figs.
- BANKS, N. — 1929 - Spiders from Panama. Trans. Conn. Acad. Arts and  
Sciences, vol. 27: 51-248, 157 figs.
- BERLAND, L. — 1932 - Les Arachnides (Encyclopédie Entomologique, Serie A.  
XVI.): 488 pp. 636 figs. Paul Lechevalier & Fils Edit.
- BERLESE, A. — 1925 - Gli Insetti (loro organizzazione, sviluppo, abitudini, etc.),  
vol. secondo (vitta e costumi): IX + 992 pp. 895 figs. Soc. Ed. Libreria  
(Milano).
- BLACKWALL, J. — 1862 - Descriptions of newly discovered spiders captured  
in Rio Janeiro by John Gray, Esq., and the Rev. Hamlet Clark. Ann. Mag.  
Nat. Hist. vol. X (third series): 348-360.
- BLACKWALL, J. — 1863 - Descriptions of newly discovered spiders captured  
in Rio Janeiro by John Gray, Esq., and the Rev. Hamlet Clark. Ann. Mag.  
Nat. Hist. vol. XI (third series): 29-45.
- CAMARGO, H. F. A. — 1950 - Contribuição ao estudo das aranhas brasileiras  
(Arachnida-Araneae). Tres Espécies novas e uma pouco conhecida. Pap. Av.  
Dep. Zool. vol. IX (n.º 15): 223-248, 4 pl. 22 figs.
- CAMARGO, H. F. A. — 1950a - Descrição de dois alótipos e algumas anotações  
morfológicas sobre aranhas brasileiras (Arachnida - Araneae (Dysderidae,  
Argiopidae, Selenopidae e Clubionidae). Arq. Zool. Est. S. Paulo, vol. VII  
(n.º VIII): 445-464, 5 pl. 45 figs.
- CAMBRIDGE, O. P. — 1882 - On new genera and species of Araneida. Proc.  
Zool. Soc. :423-442, 2 pl. 14 figs.
- CAMBRIDGE, O. P. — 1896 - Biologia Centrali Amer. Arachnida, vol. I (1889-  
1902): XV+317 pp. 39 pl. inúmeras figuras. Taylor and Francis ed. London.
- CAMBRIDGE, F. O. P. — 1904 - Biologia Centrali Amer. Arachnida and Opilio-  
nes. Vol. II (1897-1905): IX + 610 pp. 54 pl. inúmeras figuras.
- CAPORIACCO, L. — 1948 - Arachnida of British Guiana collected in 1931 and  
1936 by Professors Beccari and Romiti. Proc. Zool. Soc. vol. 118: 607-747,  
169 figs.
- CHAMBERLIN, R. V. — 1920 - South American Arachnida, chiefly from the  
Guano Islands of Peru. Brooklyn Mus. Science Bulletin, vol. 3 (n.º 2): 35-44,  
10 figs.

- CHICKERING, A. M. — 1936 - Additions to the list of known species of spiders from Barro Colorado Island, Panama. *Trans. Amer. Micr. Soc.* vol. 55 (4) : 449-456.
- COMSTOCK, J. H. — 1910 - The palpi of male spiders. *Ann. Entom. Soc. America*. Vol. III (n.º 3) : 161-185, 25 figs.
- COMSTOCK, J. H. — 1940 - The Spider Book (A manual for the study of the spiders and their near relatives, etc.) - Revised and edited by W. J. Gertsch : XI + 729 pp. 770 figs. County Life Press, Garden City. N. Y. - A primeira edição, não consultada, é de 1912 : XV + 721 pp. 770 figs. Garden City. N. Y. Doubleday Page & Co. A terceira e última edição é de 1948 - Revised and edited by W. J. Gertsch : XI + 729 pp. 770 figs. Comstock Publishing Company, Inc. Ithaca. N. Y.
- DUGÈS, ANT. e EDWARDS, MILNE — 1836-1849 - *In* Georges Cuvier, Le Règne Animal distribué d'après son organisation, etc. Edition accompagnée de planches gravées, etc. par une réunion de disciples de Cuvier. Les Arachnides. Avec un Atlas (28 pl. inúmeras figuras). Fortin, Manon et Cie. Libraires. Paris.
- EMERTON, J. H. — 1884 - New England Spiders of the family Epeiridae. *Trans. Conn. Acad. Arts and Sciences*, vol. VI (1882-1885) : 295-337, 8 pl. inúmeras figuras.
- HENTZ, N. M. — 1847 - Descriptions and figures of the Araneides of the United States. *Journal Boston Soc. Nat. Hist.*, vol. V : 444-478, pl. XXII-XXIV e XXX-XXXI (A indicação deste trabalho, do qual obtivemos apenas a diagnose original de *Acacesia folifera*, é tirada de Petrunkevitch (1911 : 23).
- ISSEL, R. — 1935 - Artigo sobre "Ragni". *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*, vol. XXVIII : 776-780, 9 pl. inúmeras figuras.
- KEYSERLING, E. — 1884 - Die Spinnen Amerikas (Theridiidae). II Hälfte : 295 pp. 11 estampas, inúmeras figuras. Nürnberg. Verlag von Bauer & Raspe.
- KEYSERLING, E. — 1891 - Die Spinnen Amerikas - Brasilianische Spinnen. Dritter Band. : 278 pp. 10 pl. 203 figs. (publicado por George Marx) Bauer & Raspe Edit.
- LATREILLE, P. A. — 1824 - Notice sur un nouveau genre d'Aranéides. *Ann. Sciences Naturelles*, tome troisième : 23-27, pl. 2, 8 figs. (O Atlas, com 83 planchas, é do mesmo ano, e contem as ilustrações dos tomos 1, 2 e 3 daquela revista).
- MARX, G. — 1889 - Catalogue of the described Araneae of temperate North America. *Proc. Un. St. Nat. Mus.* vol. XII : 497-594.
- McCOOK, H. C. — 1893 - American Spiders and their Spinningwork. A Natural History of the orbweaving Spiders of the United States, vol. III : 285 pp. 30 pl. inúmeras figuras. Editado pelo autor.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1918 - Drassoideas do Brasil. *Arch. Esc. Sup. Agr. Med. Veter.* vol. II (N.ºs 1 e 2) : 17-74, 43 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1918a - Scytodidas e Pholcidas do Brasil. *Rev. Mus. Paulista*, vol. X : 85-144, 38 figs.

- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1922 - Novas Clubionidas do Brasil. Arch. Esc. Sup. Agr. Med. Veter. vol. 6 (N.ºs 1 e 2) : 17-56.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1923 - Novo Myrmecium do Brasil. Bol. Soc. Entom. Brasil, N.ºs 4-5-6:11-12.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1929 - Aranhas de Pernambuco, colhidas por D. Benito Pickel. Ann. Acad. Bras. Ciencias, tomo I (n.º 2) : 91-112, 24 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1930 - Aranhas do Cuminá. Arch. Mus. Nacional, vol. 32 : 51-74, 5 pl. 47 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1932 - Notas sobre as Micratheneas do Brasil. Ann. Acad. Bras. Ciencias, tomo IV (n.º 2) : 73-97, 7 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1932a - Notas sobre o genero Myrmecium Latr. Ann. Acad. Bras. Ciencias, tomo IV (n.º 4) : 149-160, 14 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1933 - Catalogo das Aranhas Argentinas. Arch. Esc. Sup. Agr. Med. Veter. vol. X (N.º 1) : 3-63.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1934 - Especies Brasileiras do genero Loxosceles Lowe. Ann. Acad. Bras. Ciencias, tomo VI (n.º 2) : 69-73, 3 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1939 - Algumas aranhas de S. Paulo e Santa Catarina. Mem. Inst. Butantan, tomo XII (1938-1939) : 523-531, 17 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1940 - Aranhas do Paraná. Arch. Inst. Biologico, vol. 11 (n.º 30) : 235-257, 3 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1941 - Catalogo das aranhas da Colombia. An. Acad. Bras. Ciencias, tomo XIII (n.º 4) : 233-300, 20 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1942 - Arañas del Chaco y Santiago del Estero. Rev. Mus. La Plata (Nueva Serie), Zoologia n.º 16, tomo II : 381-426, 56 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1943 - Catálogo das aranhas do Rio Grande do Sul. Arq. Mus. Nac. vol. 37 : 149-244, 67 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1944 - Arañas de la provincia de Buenos Aires. Rev. Mus. La Plata (Nueva Serie), Zoologia n.º 24, tomo III : 311-393, 87 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1944a - Algumas aranhas da Região Amazônica. Bol. Mus. Nacional (Nova Série) - Zoologia - n.º 25 : 1-12.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1945 - Arañas de Misiones, Corrientes y Entre Rios. Rev. Mus. La Plata (Nueva Serie), Zoologia n.º 29, tomo IV : 213-302, 93 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1946 - Arañas del Paraguay. Notas del Museo de la Plata, tomo XI (Zoologia n.º 91) : 17-50, 10 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1947 - Aranhas do Paraná e Santa Catarina das coleções do Museu Paranaense. Arq. Mus. Paranaense, vol. VI (art. VI) : 231-304, 10 estampas, 54 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1947a — Aranhas de Carmo do Rio Claro (Minas Gerais) coligidas pelo naturalista José C. M. Carvalho. Bol. Mus. Nacional (Nova Série), Zoologia n.º 80 : 34 pp. 6 pl. 53 figs.
- MELLO-LEITÃO, C. F. — 1949 - Aranhas da foz do Koluene. Bol. Mus. Nacional (Nova Série), Zoologia N.º 92 : 19 pp. 21 figs.
- MENGE, A. — 1866 - Preussische Spinnen : 560 pp. 91 pl. e 322 quadros. Danzig. A. W. Kafemann ed.

- MILLOT, J. — 1949 - Ordre des Aranéides (Araneae) in *Traité de Zoologie (Anatomie-Systématique-Biologie)* publié sous la direction de Pierre P. Grasse, tomo VI: 979 pp. 719 figs. Masson & Cie. Ed.
- MOENKHAUS, W. J. — 1898 - Contribuição para o conhecimento das aranhas de S. Paulo. *Rev. Mus. Paulista*, vol. 3:77-112, est. V, 28 figs.
- PETRUNKEVITCH, A. — 1909 - Some new or little known American spiders. *Ann. New York Acad. Sci.*, vol. XIX, N.º 9, part. II: 205-224, 2 pl. 37 figs. O fascículo é de 1910.
- PETRUNKEVITCH, A. — 1911 - A Synonymic Index Catalogue of spiders of North, Central and South America, etc. *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.* vol. XXIX: V+809 pp.
- PETRUNKEVITCH, A. — 1925 - Arachnida from Panama. *Trans. Conn. Acad. Arts and Sciences*, vol. 27: 51-248, 157 figs.
- PETRUNKEVITCH, A. — 1930 - The Spiders of Porto Rico. Part II (*Dictynidae to Mimetidae*). *Trans. Conn. Acad. Arts and Sciences*, vol. 30:163-355, 240 figs.
- PINTO, OLIVÉRIO — 1952 - Súmula histórica e sistemática da ornitologia de Minas-Gerais. *Arq. Zool. Est. S. Paulo*, vol. VIII, art. 1:51 pp.
- REIMOSER, E. — 1917 - Die Spinnengattung *Micrathena* Sundevall. *Ver. k.-k. zool.-bot. Ges. Wien*, vol. LXVII:73-160, 9 est. 32 figs.
- REIMOSER, E. — 1939 - Wissenschaftliche Ergebnisse der österreichischen biologischen Expedition nach Costa Rica. Die Spinnenfauna. *Annalen des Naturhistorischen Museums in Wien*. 50 Band:328-386, 14 figs.
- ROEWER, C. Fr. — 1942 - Katalog der Araneae von 1758 bis 1940 (I. Band) - Mesothelae, Orthognatha, Labidognatha: Dysderaeformia, Scytodiformia, Pholciformia, Zodariiformia, Hersiliaeformia, Argyopiformia: VIII+1040 pp. Bremen.
- SCHUBART, O. — 1947 - Os Diplopoda da viagem do naturalista Antenor Leitão de Carvalho aos rios Araguaia e Amazonas em 1939 e 1940. *Bol. Mus. Nac. (Nova Série) - Zoologia* n.º 82:74 pp. 27 estampas, 75 figs. e 5 fotografias.
- SEELY, R. M. — 1928 - Revision of the spider genus *Tetragnatha*. *New York State Mus. Bull. Albany*, n.º 278:99-139, 4 pl. 58 figs.
- SIMON, E. — 1864 - *Histoire Naturelle des Araignées (Aranéides)*: 540 pp. text. illustr. Paris. (Não consultado).
- SIMON, E. — 1867 - Sur trois araignées nouvelles. *Revue et Mag. Zoologie*, 2e série, tome XIX:15-24.
- SIMON, E. — 1880 - Révision de la famille des Sparassides (Arachnides). *Actes Soc. Linn. Bordeaux*, vol. 34 (Quatrième Serie), tome IV:223-351.
- SIMON, E. — 1893 - Études arachnologiques (25 e Mémoire). XL. Descriptions d'espèces et de genres nouveaux de l'ordre des Araneae. *Ann. Soc. Entom. France*: 299-330, plancha 7, 7 figs.
- SIMON, E. — 1895 - *Histoire Naturelle des Araignées, Deuxième Édition, Tome Premier (1892-1895)*: VII+1084 pp. 1098 figs. *Libr. Encyclopédique de Rotet*, ed. Paris.

- SIMON, E. — 1896 - Descriptions d'Arachnides nouveaux de la famille des Clurionidae. Ann. Soc. Entom. Belgique, vol. XL:400-422.
- SIMON, E. — 1897 - On the spiders of the island of St. Vincent. Part. III. Proc. Zool. Soc.: 860-890.
- SIMON, E. — 1897a - Viaggio del Dott. A. Borelli nella Republica Argentina e nel Paraguay. XXII. Liste des Arachnides recueillis aux Iles du Cap-Vert, dans la République Argentine et le Paraguay et descriptions d'espèces nouvelles. Boll. Mus. Zool. ed Anat. Comparata Univ. Torino, vol. XII, n.º 270:8 pp.
- SIMON, E. — 1897b — Histoire Naturelle des Araignées, Deuxième Édition, Tome Second (1897-1903): 1080 pp. 1122 figs. Enciclop. Roret, L. Mulo, Libraire Éditeur. Paris.
- SIMON, E. — 1907 - Étude sur les araignées de la sous-section des Haplogynes. Ann. Soc. Entom. Belgique, vol. 51:246-264, 15 figs.
- SOARES, B. M. e CAMARGO, H. F. A. — 1948 - Alguns novos salticidas do Brasil (Araneae-Salticidae). Rev. Bras. Biologia, vol. 8 (4):421-443, 40 figs.
- TACZANOWSKI, L. — 1872 - Les Aranéides de la Guyane Française. Horae Soc. Entom. Rossicae, Tome IX (n.º 3) (Suite):26 pp. pls. V e VI, 13 figs.
- TACZANOWSKI, L. — 1873 - Les Aranéides de la Guyane Française (Dernière partie), tome X: 56-115, pl. II, 21 figs.
- TULLGREN, A. — 1901 - On the spiders collected in Florida by dr. Einar Lönnberg 1892-1893. Bih. Till. K. Sv. Vet. Akad. Handlingar, Band 27 Afd. IV. N.º 1:29 pp. 1 pl. 17 figs. Stockholm.
- WALCKENAER — 1837 - Histoire Naturelle des Insectes-Aptères. Tome Premier. Ouvrage accompagné de planches: VI+682 pp. Librairie Encyclopédique de Roret. (O Atlas (Hist. Nat. Ins. Aptères. Atlas) encerra 52 planchas, e traz os nomes do Barão de Walckenaer e Paul Gervais).
- WARBURTON, C. — 1923 - Arachnida Embolobranchiata in The Cambridge Natural History (Crustacea and Arachnids), vol. IV:XVIII+566 pp. 287 figs. - Edited by S. F. Harmer e A. E. Shipley - Macmillan and Co. Ltd. Ed. - London - Com a colaboração de G. Smith, H. Woods, A. E. Shipley, Cecil Warburton e D'Arcy Thompson.